



# MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS

Violência LGBTfóbicas no Brasil:  
dados da violência



Empoderando vidas.  
Fortalecendo nações.

**Ministro de Estado dos Direitos Humanos**

Gustavo do Vale Rocha

**Secretário Executivo**

Engels Augusto Muniz

**Secretário Executivo Adjunto**

Marcelo Dias Varella

**Secretário Nacional de Cidadania**

Herbert Barros

**Consultor responsável pelo conteúdo**

Marcos Vinícius Moura Silva

Esta publicação tem a cooperação do PNUD no âmbito do Projeto BRA/16/020 (Seguimento e implementação de compromissos nacionais e internacionais em Direitos Humanos fortalecidos), que tem por objetivo o fortalecimento de capacidades da Secretaria Especial de Direitos Humanos do Ministério da Justiça e Cidadania para atuação no seguimento e Implementação de compromissos nacionais e internacionais em Direitos Humanos assumidos pelo Brasil. As indicações de nomes e a apresentação do material ao longo desta publicação não implicam a manifestação de qualquer opinião por parte do PNUD e do MDH a respeito da condição jurídica de qualquer país, território, cidade, região ou de suas autoridades, tampouco da delimitação de suas fronteiras ou limites. As ideias e opiniões expressas nesta publicação são as dos autores e não refletem obrigatoriamente as do PNUD ou as do MDH, nem comprometem o Programa ou o Ministério. O conteúdo desta publicação não foi submetido à revisão de texto, sendo de responsabilidade de seu (s) autor (es) eventuais erros gramaticais.

Ministério dos Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Cidadania.

Violência LGBTfóbicas no Brasil: dados da violência/ elaboração de Marcos Vinícius Moura Silva – Documento eletrônico – Brasília: Ministério dos Direitos Humanos, 2018, 79 p.

Palavra chave: Violência LGBTfóbica. Grupos vulneráveis. Dados hemereográficos.

CDD: 350

CDU: 351

Esta publicação tem a cooperação do PNUD no âmbito do Projeto BRA/16/020 (Seguimento e implementação de compromissos nacionais e internacionais em Direitos Humanos fortalecidos), que tem por objetivo o fortalecimento de capacidades da Secretaria Especial de Direitos Humanos do Ministério da Justiça e Cidadania para atuação no seguimento e Implementação de compromissos nacionais e internacionais em Direitos Humanos assumidos pelo Brasil. As indicações de nomes e a apresentação do material ao longo desta publicação não implicam a manifestação de qualquer opinião por parte do PNUD e do MDH a respeito da condição jurídica de qualquer país, território, cidade, região ou de suas autoridades, tampouco da delimitação de suas fronteiras ou limites. As ideias e opiniões expressas nesta publicação são as dos autores e não refletem obrigatoriamente as do PNUD ou as do MDH, nem comprometem o Programa ou o Ministério. O conteúdo desta publicação não foi submetido à revisão de texto, sendo de responsabilidade de seu (s) autor (es) eventuais erros gramaticais.

# ÍNDICE

---

I. RELATÓRIO DE VIOLÊNCIA LGBTFÓBICAS NO BRASIL - ANO 2016.....	5
1. APRESENTAÇÃO .....	6
2. INTRODUÇÃO.....	8
3. METODOLOGIA.....	10
4. DADOS DO PODER PÚBLICO FEDERAL.....	12
5. GRUPO VULNERÁVEL - TRAVESTI .....	15
6. GRUPO VULNERÁVEL - TRANSEXUAL .....	24
7. GRUPO VULNERÁVEL - GAY .....	34
8. GRUPO VULNERÁVEL - LÉSBICA.....	44
9. GRUPO VULNERÁVEL - BISSEXUAL .....	53
10. DADOS DEMOGRÁFICOS .....	62
11. CONSIDERAÇÕES.....	74
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	76



I. Relatório de Violência LGBTfóbicas no  
Brasil - Ano 2016

---

# 1. APRESENTAÇÃO

---

O Relatório de Violência LGBTfóbica 2016 tem como aspecto fundamental oferecer ao leitor os principais dados quantitativos que objetivam “medir” a violência sofrida pela população LGBT. Deste modo, serão analisados neste relatório os dados produzidos pela Ouvidoria de Direitos Humanos – Disque 100 (Ministério dos Direitos Humanos), Grupo Gay da Bahia (GGB) e Rede Trans Brasil (RedeTrans).

O teor da publicação relaciona-se aos temas de violência, direitos humanos e LGBTfobia. Para analisar os principais aspectos das violações sofridas, os dados foram organizados de acordo com cada grupo vulnerável (gay, lésbica, travesti, transexual e bissexual)

A concepção dos termos LGBTfobia, preconceito e violência é categórico para o entendimento da dinâmica sociocultural e política no cenário de vivência atual da população LGBT. Apesar de avanços na aceitação da homossexualidade, o debate sobre esse assunto é de grande relevância para se evidenciar quais são os tipos mais recorrentes de violência sofrida por esta população no Brasil, assim como os principais resultados e atitudes a serem tomadas acerca do tema. É nesse domínio que se analisa a vulnerabilidade da população LGBT, tendo em vista que este é um grupo alvo de inúmeras violações de direitos humanos, não só no Brasil, como no mundo.

Buscar mensurar a violência é compreender a força que se usa contra o direito e a lei. A violência pode ser compreendida como qualquer rompimento da ordem ou quando há o emprego da força para impor uma ordem ou ideia. Desta maneira, o emprego da violência é antes de tudo a dominação de forma ilegítima, é fazer exercer a vontade com o uso da coerção física ou psicológica.

A palavra violência não é imparcial. Seu uso igualitário transporta o seu intenso sentido e que não pode ser reduzido, pois um ato que age sobre a integridade do ser humano, não lhe permitindo qualquer reação, objetificando sua condição humana a uma coisa qualquer, que a tudo pode se fazer.

A violência também se faz presente quando falamos do emprego da força por parte do Estado. Apesar de seu uso ser legal em determinadas situações, isso não quer dizer que o Estado pode violar a vida do cidadão. Da mesma maneira, os atos realizados por autoridades públicas devem sempre induzir a proteção à vida.

Violências contra a população LGBT estão presentes nos diferentes grupos de convivência social e formação de identidades. As ramificações se fazem notar

no meio familiar, nas escolas, na igreja, na rua, no posto de saúde, na mídia, nos ambientes de trabalho, nas forças armadas, na justiça, na polícia, em diversas esferas do poder público e na falta de políticas públicas afirmativas que contemplem a comunidade LGBTTT (Mott, 2006).

A LGBTfobia, por sua vez, como descrita por Junqueira (2007), se refere a sentimentos negativos relacionados ao “medo” e ao “semelhante” direcionados a gays, lésbicas, travestis, transexuais e bissexuais. O ataque LGBTfóbico é sempre um conflito entre dois semelhantes, um que vivencia de forma plena a sua sexualidade e o outro que a esconde e tem vergonha dela.

Assim sendo, compreendemos a expressão LGBTfobia como o conjunto de anseios como ira, nojo, desconforto, receio, horror, desprezo e descaso pelas pessoas que não estão inclusas nas definições rígidas amarradas a heteronormatividade e a dialética binária de gênero. O binarismo parte da premissa que o masculino e o feminino são polos de ideias que se contrapõem e não se complementam.

Tanto o preconceito quanto a discriminação são expressões equivalentes, que, apesar de informarem fatos diferentes, algumas vezes são empregados de maneira permutáveis. O preconceito, indicam as percepções intelectuais contrárias em face de indivíduos e de grupos socialmente diminuído, bem como os aspectos sociocultural interligados a esta visão. A expressão discriminação informa a concretização, na superfície das relações sociais, de ações despóticas, relacionadas ao preconceito, que provocam abuso de direitos de indivíduos e grupos minoritários.

O termo preconceito é utilizado, normalmente, para apontar a vivência de percepções contrárias por parte de indivíduos e grupos, onde estes expressam opiniões antagônicas em face de outros indivíduos e grupos, dado o pertencimento ou a assimilação destes a um grupo tido como inferior.

Partindo do conceito de estigma, formulado por Goffman (1988), é que foram elaborados diversos estudos das relações sociais embasados pelo preconceito e pela discriminação. Goffman, ao destacar no estigma uma marca negativa, identificado sobre os seres humanos e gerador de uma degradação indenitária.

Desta maneira, este relatório busca trazer informações relevantes que permitam embasar diferentes políticas públicas de enfrentamento a violência LGBT, como também aos movimentos sociais e sociedade civil, para que de maneira integrada possam desenvolver ações não governamentais que visem o combate a LGBTfobia. Ainda que os dados aqui apresentados não reflitam a quantidade de casos que ocorrem a todo instante no Brasil, e sua gravidade, busquemos mantê-los como principal canal oficial para divulgação dos crimes desta natureza em nosso país.

## 2. INTRODUÇÃO

---

A LGBTfobia é uma violência enfrenada pela população LGBT, que consiste no ódio ou aversão a sua manifestação sexual. É importante destacar a relevância em se elaborar políticas públicas específicas para este segmento, tais como: delegacias especializadas ou legislações específicas as violações sofridas.

As políticas públicas são partidas, seus aparelhos sequer têm um significado para o que é diversidade sexual. Entretanto, há de se reconhecer, que atualmente, existe um esforço por parte de alguns órgãos federais para a inclusão de categorias desta natureza nos boletins de ocorrência policial. Refletir acerca destas situações é pensar sobre desenvolvimento do ser humano e em direitos humanos. Sem políticas públicas amplas, o ambiente educacional tende à reprodução das práticas discriminatórias, não levando em consideração a diversidade que deve haver nestes espaços, mas sim reproduzindo tais atos a partir de alunos e professores sem preparo adequado para lidar com o tema.

Como desafio primordial para a democracia no Brasil está o desenvolvimento de uma sociedade esclarecida, formados com base para a não discriminação, em que a liberdade e identidade de cada um seja devidamente considerada para integrar a sociedade e gerir sua vida. Para tanto, é necessário operar em múltiplas direções: medidas educacionais, garantia de participação política e acesso a serviços públicos de saúde gratuitos e de qualidade, além de segurança e justiça prontos para compreender a diversidade.

O que os dados públicos mostram é que, há um aumento no número de casos de violência LGBTfóbica no Brasil. Apesar de ser elevada a taxa de subnotificação de dados de violência desta natureza.

Apesar dos dados e das denúncias há poucas ações concretas, por parte dos Poderes Públicos, que possam contornar a situação da violência. É importante que tenha uma legislação federal (apesar de haver projeto de lei tramitando há anos no Congresso Nacional) que, assim como foi na luta do combate ao racismo e da violência doméstica, possa atender a questão de forma eficiente e adequada.

A subnotificação pode ser explicada em parte pela vulnerabilidade social da população LGBT em acessar o serviço e uma vez acionado, em classificar corretamente os fatos ocorridos como homofobia ou transfobia, por exemplo, ainda que tenham traços bem típicos.

A Constituição de 1988 criou um sistema de direitos e garantias que exige que o Estado Brasileiro aja para coibir violências. De igual forma, há diversos

documentos e tratados internacionais nos quais o Brasil se compromete a criar mecanismos legais de políticas específicas para prevenir e punir a violência de natureza LGBTfóbica. A luta contra a LGBTfobia é a luta pelo reconhecimento do direito à diversidade relacionado a orientações sexuais e identidades de gênero

A sociedade geral impõe uma homogeneidade racial, social e também sexual a seus cidadãos, tudo que for diferente do padrão passa a ser rechaçado. Por muitos anos normas sexuais sexistas eram consideradas como padrão. Desta maneira, virgindade passou estar associado a “honestidade” da mulher, o casamento civil com o intuito de procriação e patrimônio. E tudo aquilo que estivesse fora deste escopo não deveria ser aceito. Com o passar dos anos, com o avanço e conquista dos movimentos de mulheres, estas questões estão sendo trazidas a discussão e na medida do possível superadas.

Quando abordamos a questão das orientações sexuais e identidades de gêneros que não se encaixam no modelo de normalidade suposto para o funcionamento dos sistemas, observamos a carência de legislações específicas sobre o tema. Havendo a necessidade de se defender o reconhecimento de direitos, para que desta maneira os direitos básicos possam ser garantidos.

Existe no Brasil um quadro secular de não reconhecimento de orientações sexuais e identidades de gênero minoritárias, mesmo violando a Constituição de 1988 e o seu compromisso com o pluralismo e a inclusão, para além dos compromissos internacionais assumidos nas áreas relacionadas aos Direitos Humanos.

É importante destacar que a violência LGBTfóbica no Brasil não é uma causalidade. A carência de medidas legais específicas ao tema impossibilitam o acesso e garantia de direitos. Certamente que o legislativo pode facilitar e impulsionar a mudança da imagem social da população LGBT, pois a criminalização da LGBTfobia traria também um efeito simbólico, já que mostraria a todos que a heteronormatividade não é considerada como padrão do que é correto. A possível hierarquização da sexualidade deve ser tão questionada quanto à de raças.

### 3. METODOLOGIA

---

A metodologia empregada para a sistematização dos dados dos Relatórios de Violência LGBTfóbicas no Brasil, ano de 2016, teve como base as discussões realizadas no âmbito do Conselho Nacional de Combate à Discriminação – LGBT, pela Câmara Técnica de Monitoramento, Prevenção e Combate da Violência contra a População LGBT, tendo sido aprovada pela Câmara e, posteriormente, pelo pleno do referido Conselho.

O relatório terá como base duas fontes de dados, a primeira delas será as informações produzidas por instituições do Governo Federal. Prioritariamente os dados do Disque 100, sendo consultadas também outras fontes de dados que possam agregar informações sobre vitimização LGBT. E segunda delas, serão as estatísticas hemerográficas, ou seja, baseadas em notícias veiculadas na imprensa. A importância da apreciação deste tipo de estatística relaciona-se ao fato de ser esta a metodologia utilizada pelos movimentos sociais LGBT, no Brasil, de forma pioneira, desde a década de 1980, já havendo estabelecida notável série histórica. Produzidas por organizações da sociedade civil, como o Grupo Gay da Bahia (GGB) e a Rede Trans Brasil<sup>1</sup>

É importante ressaltar, que diferente dos demais relatórios produzidos (2011, 2012 e 2013), os dados coletados para este relatório, serão organizados de acordo com os grupos vulneráveis representados na sigla LGBT. Assim, serão organizadas sessões distintas para apresentarmos os dados sobre as vítimas lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais.

Para produção das estatísticas, serão seguidas as seguintes etapas: a) o planejamento; b) o mapeamento dos dados existentes; c) a coleta dos dados; d) organização dos dados, e) a análise das estatísticas; f) a comparação dos dados com o mesmo período do ano anterior; g) e a disseminação das informações.

O planejamento foi feito a partir de demandas da sociedade civil que requisitaram, por um lado, dados que retratassem as violências sofridas pela população LGBT no Brasil e, por outro, a necessidade de conhecimentos sistemáticos sobre a realidade para a formulação de políticas públicas para a população LGBT por parte das áreas técnicas do governo.

É relevante apontar algumas considerações metodológicas acerca das limitações do uso de dados quantitativos no estudo das vitimizações LGBTfóbicas. Dentre as limitações usuais no uso destas estatísticas estão a dificuldade de definir conceitos

---

1 Primeiro relatório publicado foi no ano de 2016

adequados, a obtenção de dados confiáveis que apresentem séries históricas.

A metodologia utilizada foca denúncias efetuadas diretamente ao poder público, em suas diversas esferas. Os dados serão tabulados respeitando as variáveis utilizadas pelo Disque 100, em programa específico – a saber, o Statistical Package for the Social Sciences (Pacote Estatístico para Ciências Sociais), mais conhecido como SPSS.

As variáveis para análise (com base no Disque 100) serão: (i) Grupo de violação; data; tipo/subtipo de violação; frequência; local da ocorrência; (ii) Relação vítima/demandante; relação vítima/suspeito; (iii) Perfil da vítima: Sexo; identidade de gênero; orientação sexual; raça/cor; idade vítima; deficiência; situação de rua; (iv) Perfil do suspeito: Sexo; identidade de gênero; orientação sexual; raça/cor; idade vítima; deficiência; situação de rua.

Cabe ressaltar que devido a ampliação do Disque 100, tanto em divulgação quanto em infraestrutura, grande parte das denúncias LGBTfóbicas recebidas por este canal foram efetuadas por pessoas que não estiveram envolvidas na violação, alterando substancialmente os dados apresentados. Infere-se que, quando a denúncia é feita pela vítima, a auto declaração do seu perfil gera dados mais apurados, em especial sobre características de desconhecimento amplo, a exemplo da diferenciação entre identidade de gênero e orientação sexual.

Foi possível realizar análises comparativas sobre violações LGBTfóbicas no país, comparações que permitirão tanto refletir com mais acuidade sobre a realidade da LGBTfobia no Brasil, quanto elaborar diagnósticos para melhorar as vias de comunicação entre o Estado e a população.

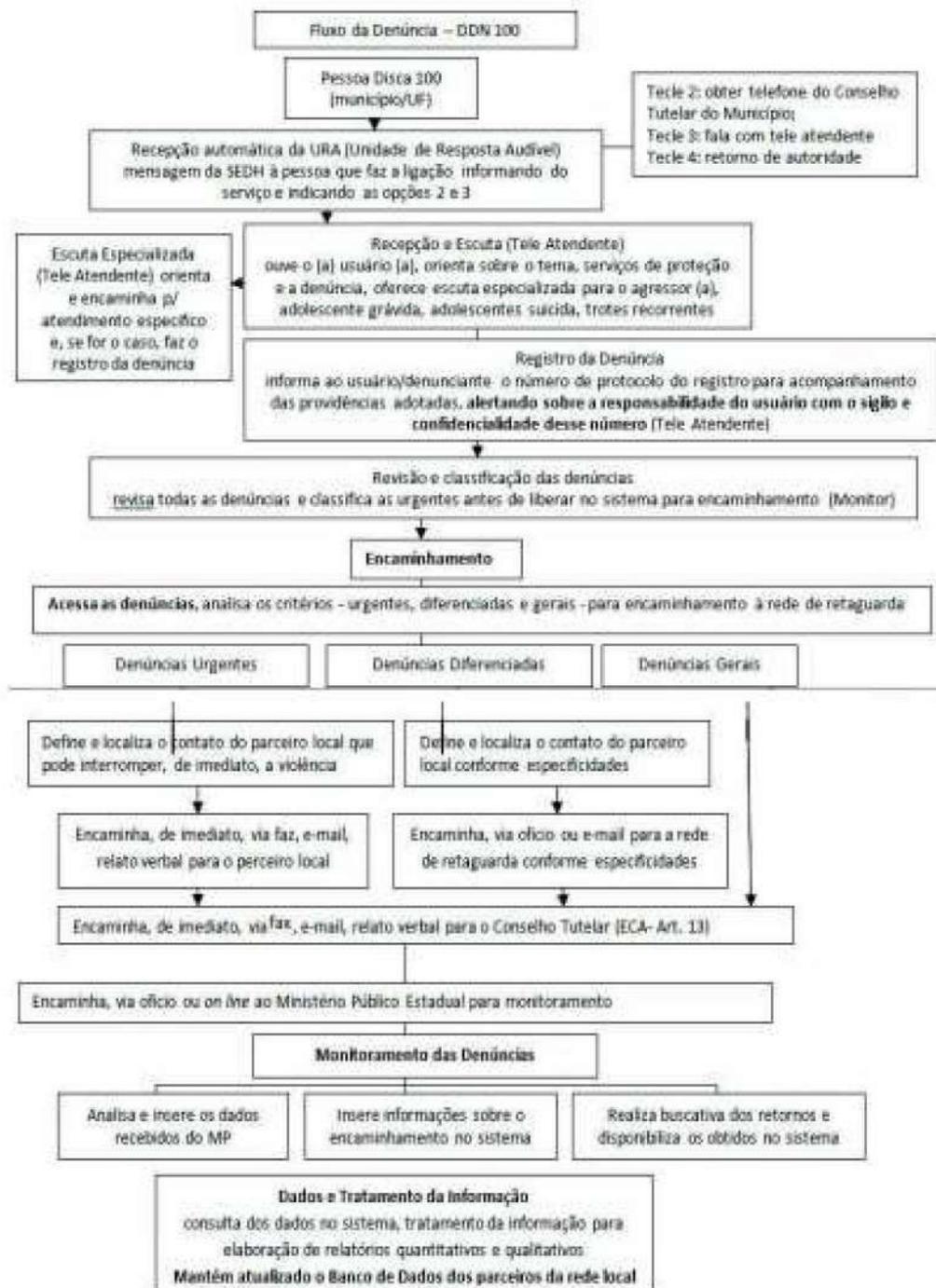
## 4. DADOS DO PODER PÚBLICO FEDERAL

---

A partir da demanda trazida pelo Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes, criou-se em 1997 um canal de recebimento de denúncias das mais diversas violências sofridas pela criança e pelo adolescente; aquele que anos mais tarde viria a ser denominado *Disque 100*. Quando foi criado atendia pelo número 0800 99 0500 e foi coordenado pela Associação Brasileira Multidisciplinar de Proteção à Criança e ao Adolescente (ABRAPIA) até o ano de 2003, momento em que o Governo Federal assumiu suas responsabilidades (ANDRADE, 2012). Entretanto nos anos de 1999 e 2000 debates já eram realizados com proposta de criar um serviço de denúncia nacional.

No ano de 2008 o serviço foi ampliado: passou a receber denúncias por e-mail, foi criada a Central de Monitoramento, a ampliação de 12 para 20 pontos de atendimento na Central de Atendimento. No ano de 2009 nova campanha foi lançada para estimular a participação de Conselhos Tutelares bem como foi sistematizada e lançada a metodologia do Disque 100 acerca do atendimento, encaminhamento e monitoramento de denúncias, com o objetivo de novamente fortalecer os disque-denúncias municipais (ANDRADE, 2012). O esquema abaixo apresenta o fluxo da denúncia desde o seu recebimento até a produção de estatística.

## Esquema 01 – Fluxograma da denúncia recebida pelo Disque 100

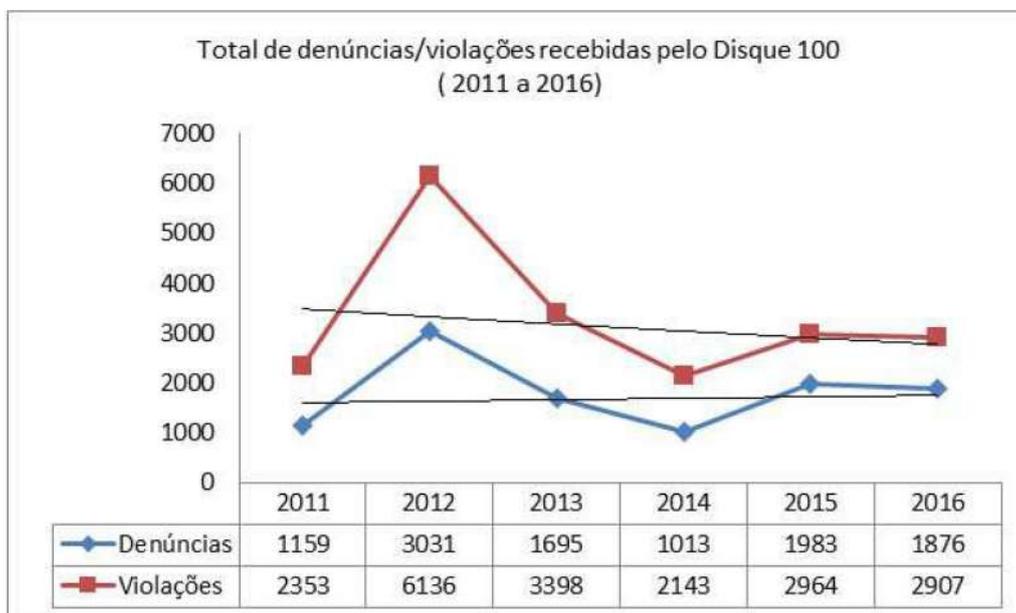


Fonte: BRASIL/SEDH (2009, p56).

No ano de 2011 o Disque Denúncia Nacional, o Disque 100, continua com gestão chamada tripartite (sistema de partida e contrapartida a partir do cumprimento de condicionalidades) que consiste na divisão de responsabilidades de três instâncias: uma governamental, a SDH, uma empresarial, a Petróleo Brasileiro S.A- Petrobrás e uma organizada pela sociedade civil, portanto, não governamental (ONG).

Desta maneira o Disque 100 se torna o principal centro nacional de recebimentos de denúncias de violação de direitos humanos contra a população LGBT. Os dados do Disque Direitos Humanos - Disque 100 indicam um cenário de abusos cotidianos dos mais variados tipos contra essa população no Brasil. Este órgão não é o único que produz informação acerca deste grupo, entretanto é o que possui a série histórica com o maior número de variáveis, o que torna a sua base de dados indicada para pautar políticas públicas. Além de deixar claro o fluxo da informação desde o recebimento da denúncia até a produção da estatística final. O gráfico abaixo apresenta o total de denúncias/violações recebidas pelo Disque 100 relacionadas a população LGBT.

Gráfico 01



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

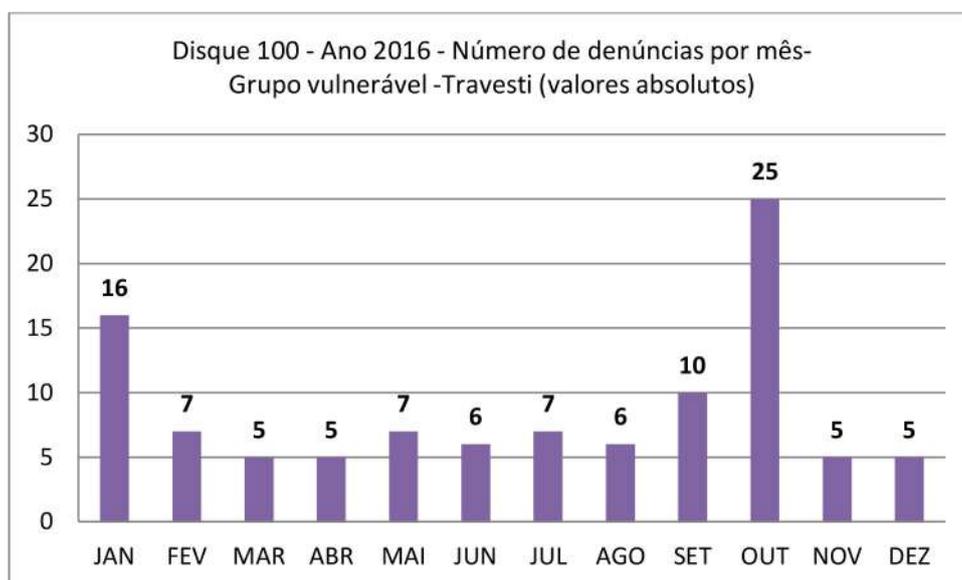
O gráfico acima apresenta a série histórica de denúncias e violações contra LGBT recebidas pelo Disque 100 ao longo período de 2011 a 2016. Desde que o serviço foi criado, o número de denúncias teve um pico no ano posterior a sua criação e depois constante queda até 2014, apresentando, em 2015, um aumento de 821 denúncias em relação ao ano anterior e em 2016 uma queda de 107 denúncias.

Se no período inicial o atendimento era voltado somente para a população jovem, em 2010 o leque de proteção se ampliou, passando a contemplar também demandas de minorias que se sentiam desprotegidas, com necessidade de um canal de comunicação e resolução de conflito, tais como LGBT, população em situação de rua, população negra, pessoa idosa e pessoas com deficiência.

## 5. GRUPO VULNERÁVEL – TRAVESTI

Nesta seção serão analisados os dados relacionados a violência praticadas contra as travestis. As variáveis para análise (com base no Disque 100) foram: (i) grupo de violação; data; tipo/subtipo de violação; frequência; local da ocorrência; (ii) relação vítima/demandante; relação vítima/suspeito; (iii) perfil da vítima: sexo; identidade sexual ; raça/cor; idade vítima; deficiência; situação de rua; (iv) perfil do suspeito: sexo; identidade sexual; raça/cor; idade vítima; deficiência; situação de rua.

Gráfico 02



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

O gráfico acima (02) apresenta o total de denúncias recebidas pelo Disque 100 ao longo dos meses do ano de 2016. Neste período foram recebidas 104 denúncias relatando violência contra travestis. Os meses de janeiro e outubro apresentaram os maiores números, respectivamente, 16 e 25 casos registrados.

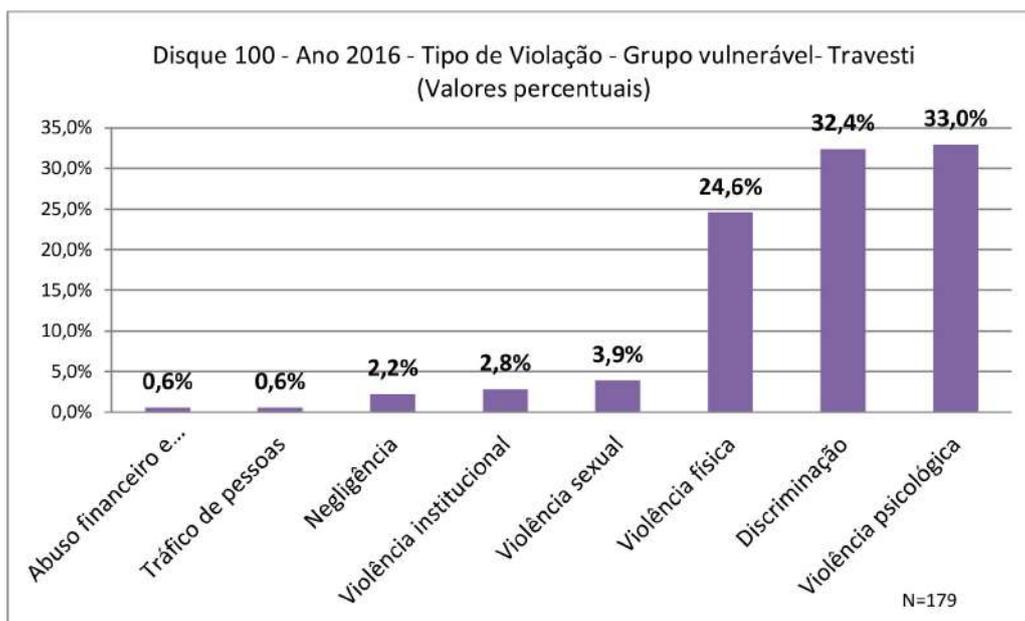
Quadro 01

Disque 100 - Ano 2016- Comparativo 2015 e 2016, aumento do nº denúncias por grupo vulnerável - Travesti			
UF	2015	2016	% de aumento
AC	1	2	100%
AL	4	2	-50%
AM	2	3	50%
AP	0	1	-
BA	6	6	0%
CE	13	8	-38%
DF	4	8	100%
ES	10	2	-80%
GO	4	3	-25%
MA	2	2	0%
MG	7	4	-43%
MS	3	0	-100%
MT	3	2	-33%
PA	7	7	0%
PB	6	5	-17%
PE	3	5	67%
PI	8	4	-50%
PR	9	2	-78%
RJ	5	8	60%
RN	5	4	-20%
RO	0	0	-
RR	3	0	-100%
RS	4	5	25%
SC	2	2	0%
SE	2	1	-50%
SP	26	17	-35%
TO	0	1	-
<b>TOTAL</b>	<b>139</b>	<b>104</b>	<b>-25%</b>

Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

O quadro 01, apresenta o comparativo de ocorrências recebidas pelo Disque 100 entre os anos de 2015 e 2016. No ano de 2015 foram recebidas 139 ocorrências, ao passo que em 2016 este número reduziu para 104, representando assim uma redução percentual de menos 25% dos casos em relação ao ano anterior.

Gráfico 03

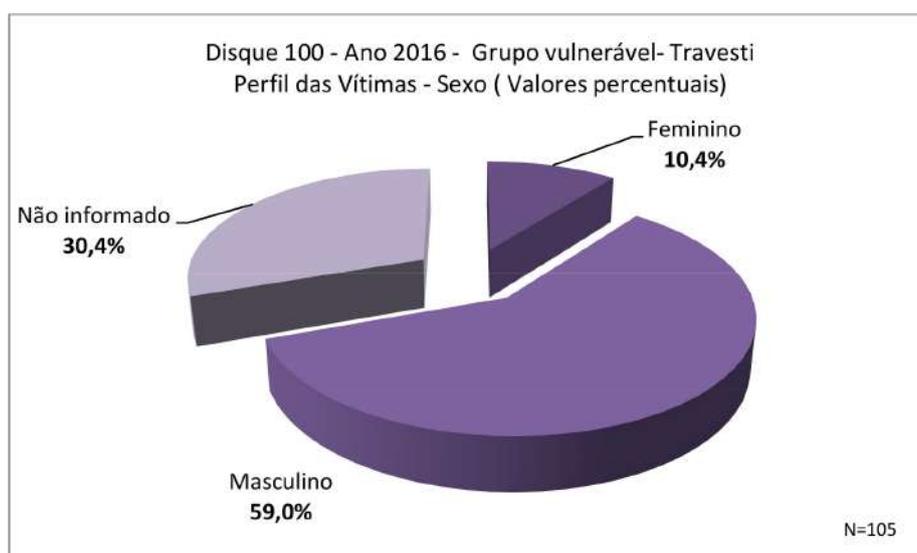


Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

O gráfico acima (3) indica o tipo de violação sofrida pela vítima, do total das 104 ocorrências registradas em 2016 foram contabilizadas 179 violações. Destas 33% sofreram violência psicológica, seguido de 32,4% discriminação e 24,6% violência física.

Os gráficos 04, 05, 06 e 07 trazem informações sobre o perfil das vítimas, estes dados trazem detalhes sobre o sexo das vítimas, faixa etária, cor/raça e se apresentam algum tipo de deficiência.

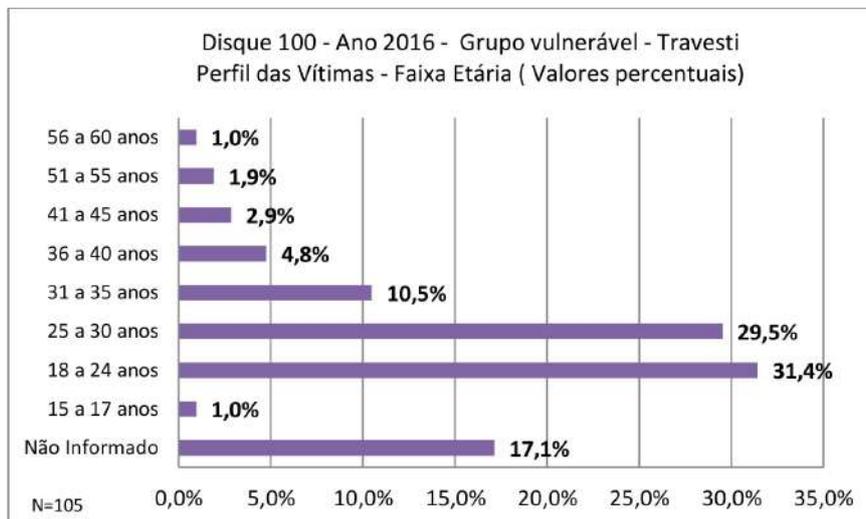
Gráfico 04



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

Do total de denúncias registradas em 2015, 105 casos trouxeram informações sobre o sexo da vítima. Das vítimas que foram classificadas como travestis, 59% foram identificadas como sendo do sexo masculino, seguido de 10,4% do sexo feminino e 30,4% como não informado.

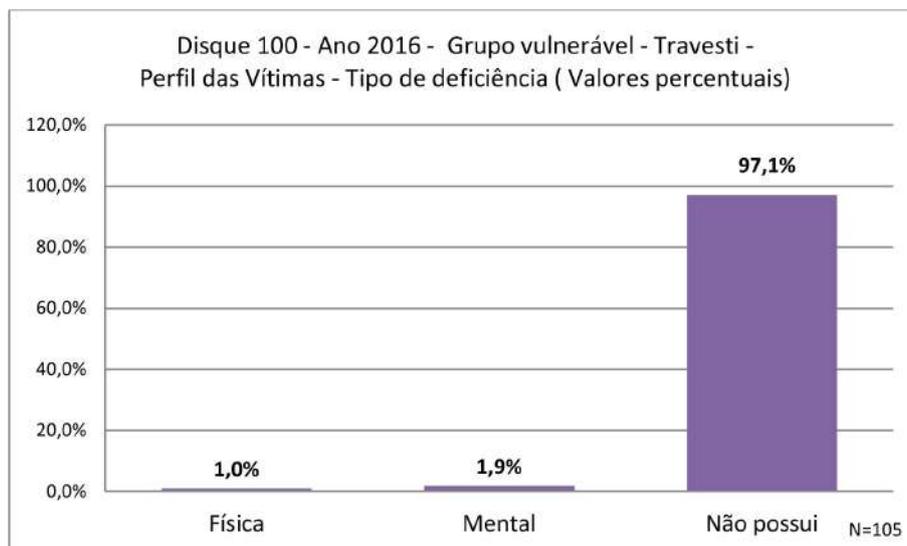
Gráfico 05



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

Em relação à faixa etária das vítimas, 105 casos trouxeram informações a este respeito. Do total de vítimas, 31,4% apresentam entre 18 a 24 anos, seguido de 29,5% entre 25 a 30 anos e 10,5% entre 31 a 35 anos. Somadas o total de travestis que foram vítimas entre 18 a 30 anos representam 60,9% dos casos.

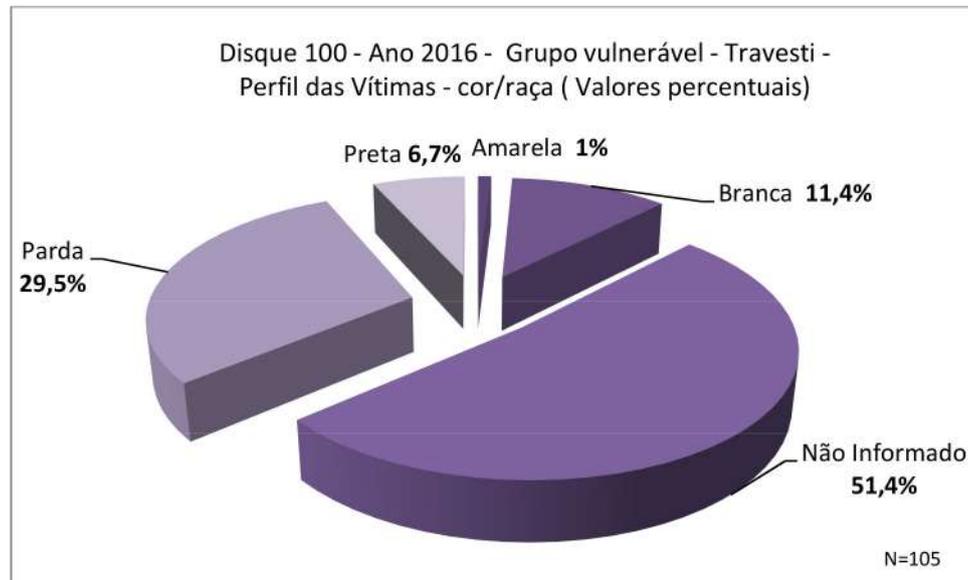
Gráfico 06



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

O gráfico acima (06) traz informações relativas a possíveis deficiências que as vítimas possuem. Do total de casos informados, 97,1% não apresentam nenhum tipo de deficiência, seguido de 1,9% com deficiência mental e 1% com deficiência física.

Gráfico 07

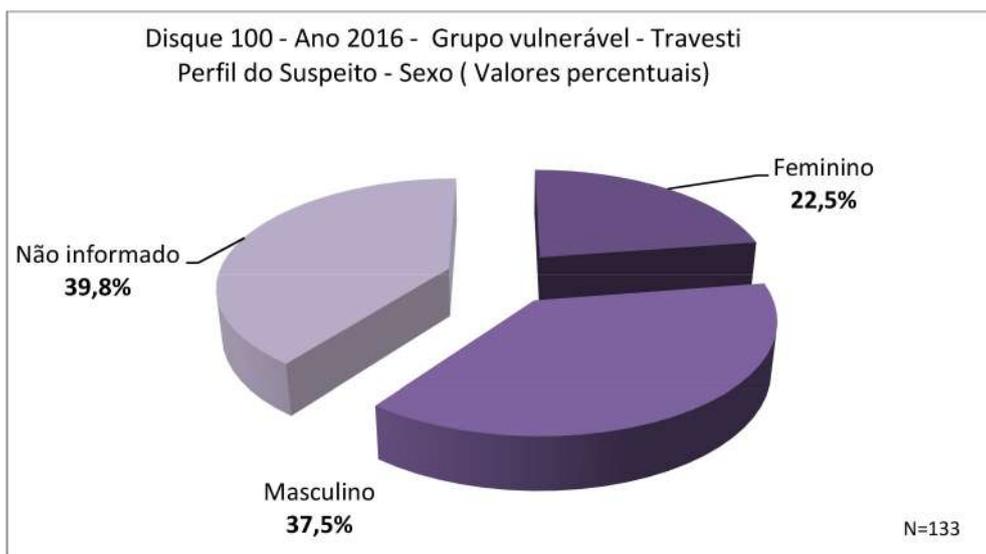


Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

O gráfico acima apresenta informações em relação a cor/raça das vítimas. Do total de casos analisados 51,4% não trouxeram informações a este respeito, seguido de 29,5% de cor/raça parda, 11,4% de cor/raça branca e 6,7% de cor/raça preta. Quando somadas, o total de vítimas de cor/raça parda e preta representam 36,2%.

Os gráficos 08, 09, 10 e 11 trazem informações relacionadas ao perfil do suspeito. A partir destes dados é possível analisar o sexo do suspeito, faixa etária, cor/raça e a possível relação entre o suspeito e a vítima.

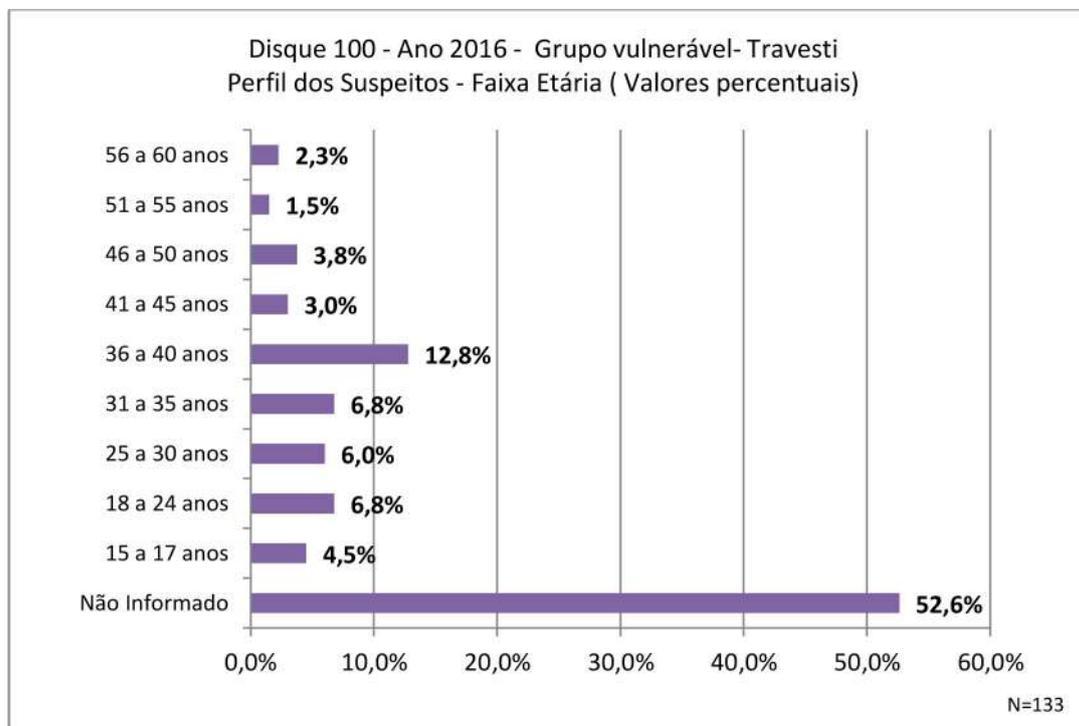
Gráfico 08



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

Do total de casos que trouxeram informações relacionadas ao sexo do suspeito, é possível inferir que 37,5% dos autores de transfobia foram homens, seguido de 22,5% mulheres e 39,8% não informados.

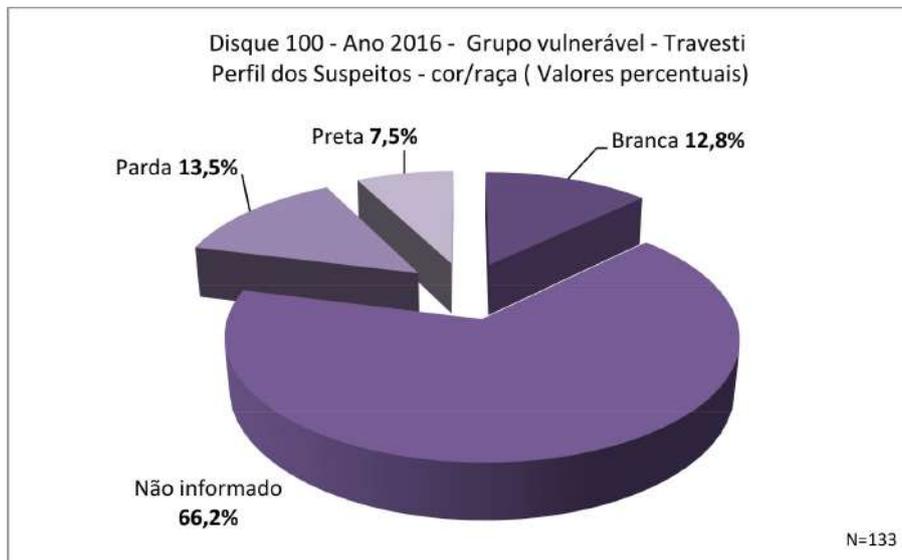
Gráfico 09



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

Em relação a faixa etária dos suspeitos, a maior parte não possui informação (52,6%). Dos casos que trazem esta informação 12,8% dos suspeitos possuem entre 36 a 40 anos, seguido de 6,8% entre 18 a 24 anos e 6,8% entre 31 a 35 anos.

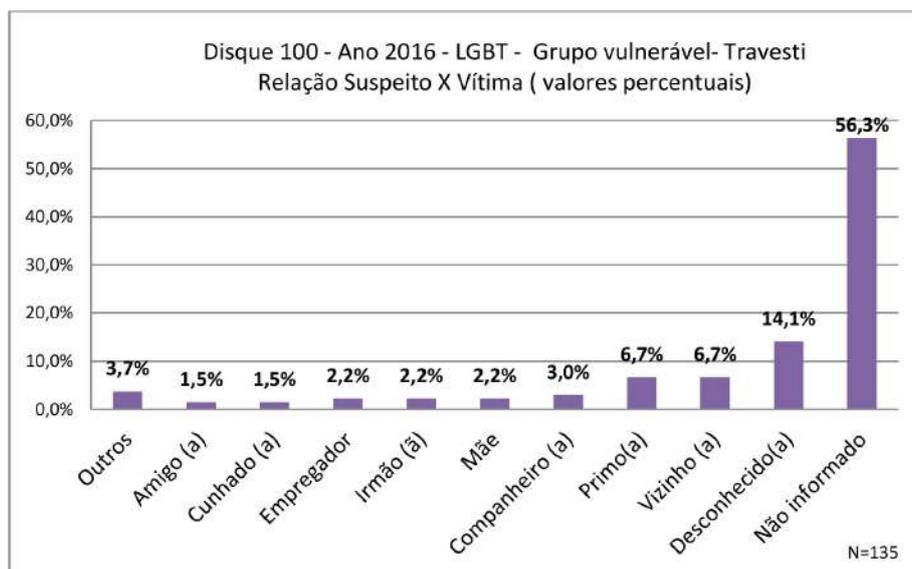
Gráfico 10



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

No que concerne à cor/raça dos suspeitos, a maior parte dos casos não apresentam esta informação (66,2%). Dos casos que informam este dado 12,8% dos suspeitos são de cor/raça branca, seguido de 13,5% de cor/raça parda e 7,5% de cor/raça preta.

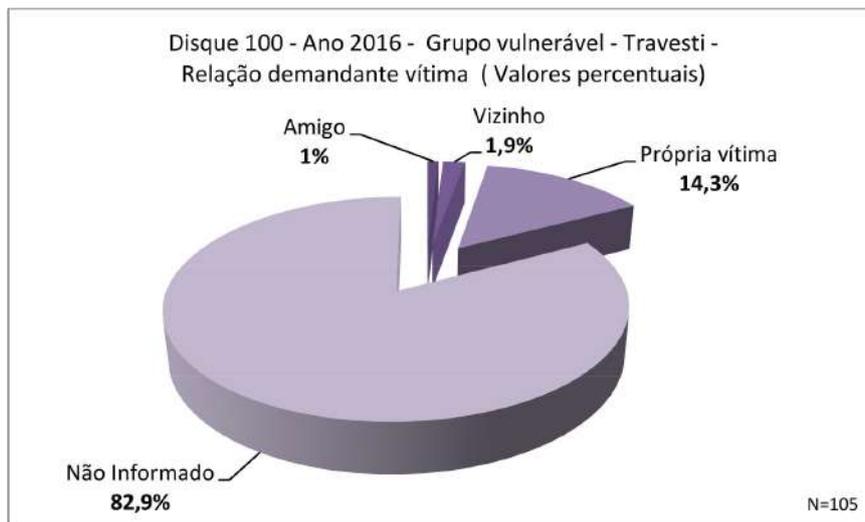
Gráfico 11



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

No que diz respeito a relação entre o suspeito e a vítima 56,3% não informam qual o tipo de relação existe, seguido de 14,1% como relação desconhecida e 6,7% como sendo vizinhos. Os suspeitos que possuem algum tipo de relação familiar, como por exemplo: cunhado, mãe, primo e irmão totalizam 12,6% dos casos.

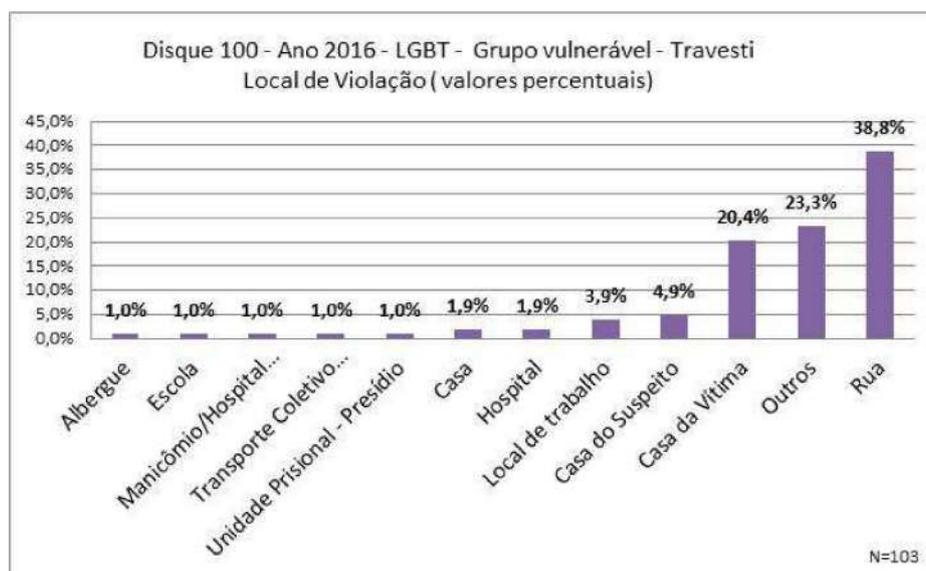
Gráfico 12



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

Quando analisamos o perfil daquele que demandou pelo serviço do Disque 100 e sua possível relação com a vítima, a maior parte dos casos não informa qual o tipo de relação existe (82,9%), seguido de 14,3% como sendo a própria vítima quem faz a denúncia e 1,9% como sendo o (a) vizinho (a).

Gráfico 13



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

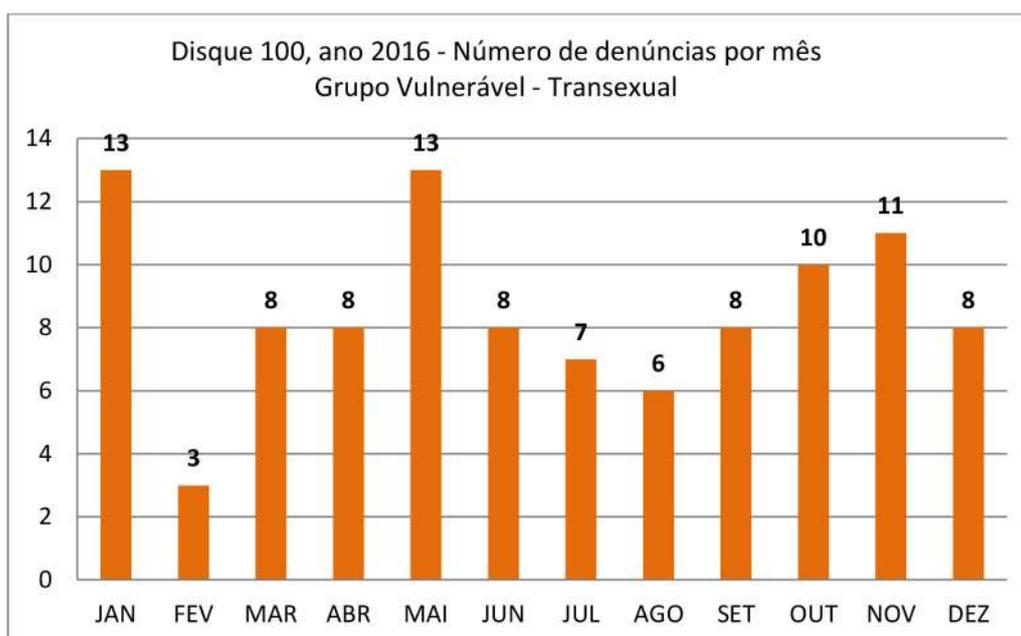
Em relação ao local da violação, 38,8% das travestis foram vítimas no espaço público, ou seja, na rua, seguido de 20,4% na própria casa e 4,9% na casa do suspeito.

Em linhas gerais os dados do Disque 100 nos permitem inferir que o perfil dos suspeitos que cometeram algum tipo de violação contra travestis no Brasil no ano de 2016 foram: homens, entre 36 a 40 anos, de cor/raça branca e sem possuir qualquer tipo de relação com a vítima. Com a maior parte das violações ocorrendo no espaço público. Já as travestis vítimas, foram identificadas como sendo a maior parte do sexo masculino, com idade entre 18 a 24 anos, de cor/raça parda.

## 6. GRUPO VULNERÁVEL – TRANSEXUAL

Nesta sessão analisaremos as violações cometidas contra pessoas transexuais. As variáveis para análise (com base no Disque 100) foram: (i) grupo de violação; data; tipo/subtipo de violação; frequência; local da ocorrência; (ii) relação vítima/demandante; relação vítima/suspeito; (iii) perfil da vítima: sexo; identidade sexual ; raça/cor; idade vítima; deficiência; situação de rua; (iv) perfil do suspeito: sexo; identidade sexual; raça/cor; idade vítima; deficiência; situação de rua.

Gráfico 14



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

O gráfico acima (13) apresenta o total de denúncias recebidas pelo Disque 100 ao longo do ano de 2015. Neste período foram recebidas 103 denúncias relatando violência contra transexuais. Os meses de janeiro e maio apresentaram os maiores números, respectivamente, 13 casos registrados.

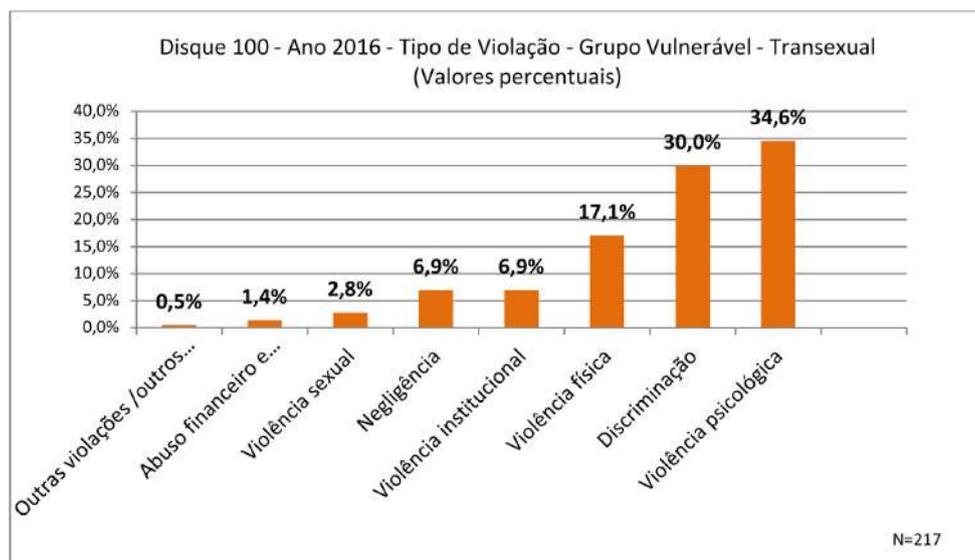
## Quadro Comparativo 02

<b>Disque 100 - Ano 2016 - Comparativo 2015/2016, aumento do n° denúncias por grupo vulnerável - Transexual</b>			
<b>UF</b>	<b>2015</b>	<b>2016</b>	<b>% de aumento</b>
AC	1	0	-100%
AL	1	1	0%
AM	0	1	-
AP	6	0	-100%
BA	5	7	40%
CE	3	9	200%
DF	0	1	-
ES	0	2	-
GO	3	1	-67%
MA	11	0	-100%
MG	7	10	43%
MS	5	1	-80%
MT	1	2	100%
PA	7	1	-86%
PB	8	13	63%
PE	3	2	-33%
PI	0	1	-
PR	10	7	-30%
RJ	11	2	-82%
RN	2	4	100%
RO	0	0	-
RR	6	0	-100%
RS	8	5	-38%
SC	2	3	50%
SE	13	0	-100%
SP	10	30	200%
TO	0	0	-
<b>TOTAL</b>	<b>123</b>	<b>103</b>	<b>-16%</b>

Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

O quadro 02 apresenta o comparativo de ocorrências recebidas pelo Disque 100 entre os anos de 2015 e 2016. No ano de 2015 foram recebidas 123 ocorrências, ao passo que em 2016 este número reduziu para 103 casos, representando assim uma redução percentual de 16% dos casos.

Gráfico 15

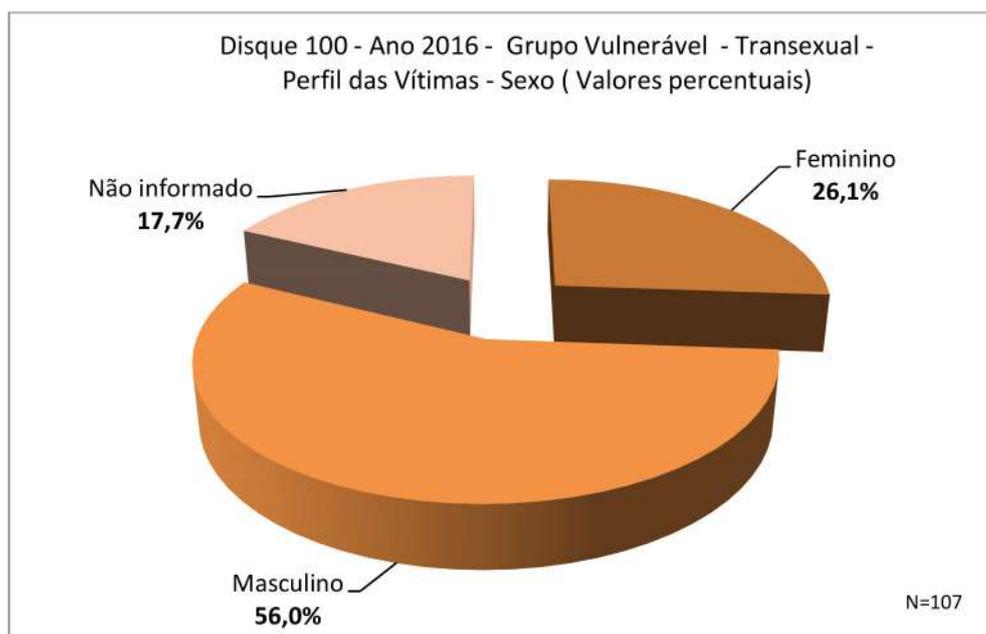


Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

O gráfico 15 indica o tipo de violação sofrida pela vítima, no total as 103 ocorrências registradas contra transexuais em 2016 apresentaram 217 violações. Destas, 34,6% sofreram violência psicológica, seguido de 30% de discriminação e 17,1% violência física.

Os gráficos 16, 17, 18 e 19 trazem informações sobre o perfil das vítimas, estes dados trazem detalhes sobre o sexo das vítimas, faixa etária, cor/raça e se apresentam algum tipo de deficiência.

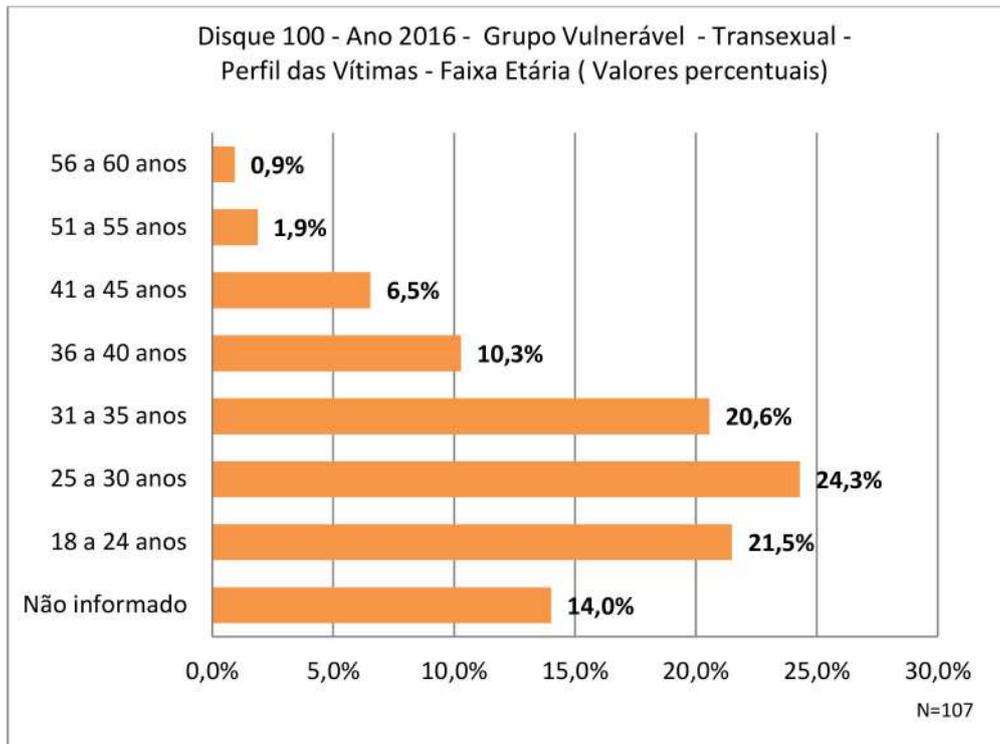
Gráfico 16



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

Do total de denúncias registradas em 2016, 103 casos trouxeram informações sobre o sexo da vítima. Das vítimas que foram classificadas como transexuais 56% foram identificadas como sendo do sexo masculino, seguido de 26,1% do sexo feminino e 17,7% como não informado.

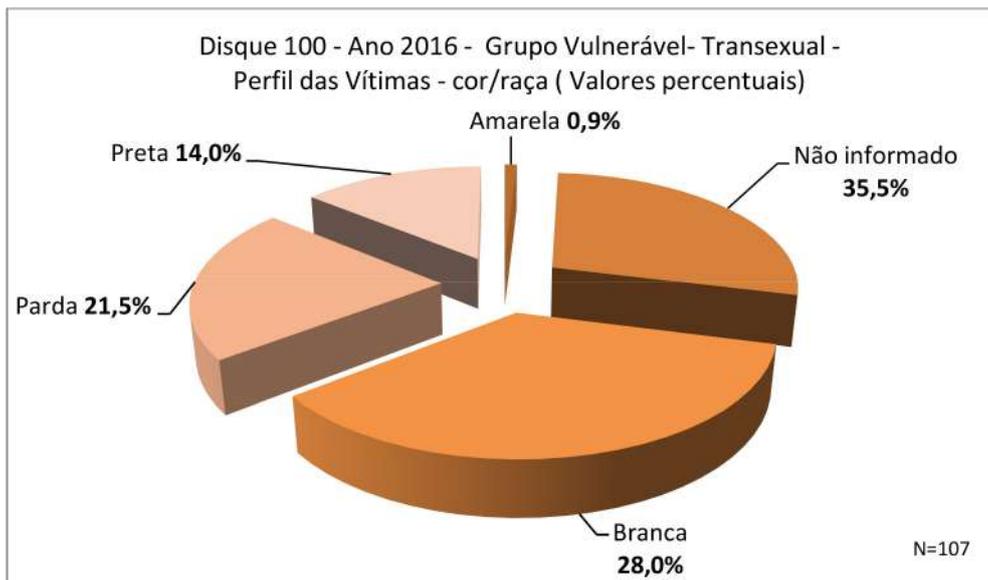
Gráfico 17



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

Em relação à faixa etária das vítimas, 103 casos trouxeram informações a este respeito. Do total das vítimas, 24,3% apresentam entre 25 a 30 anos, seguido de 21,5% entre 18 a 24 anos e 20,6% entre 31 a 35 anos. Somadas o total de transexuais que foram vítimas entre 18 a 30 anos representam 45,8% dos casos.

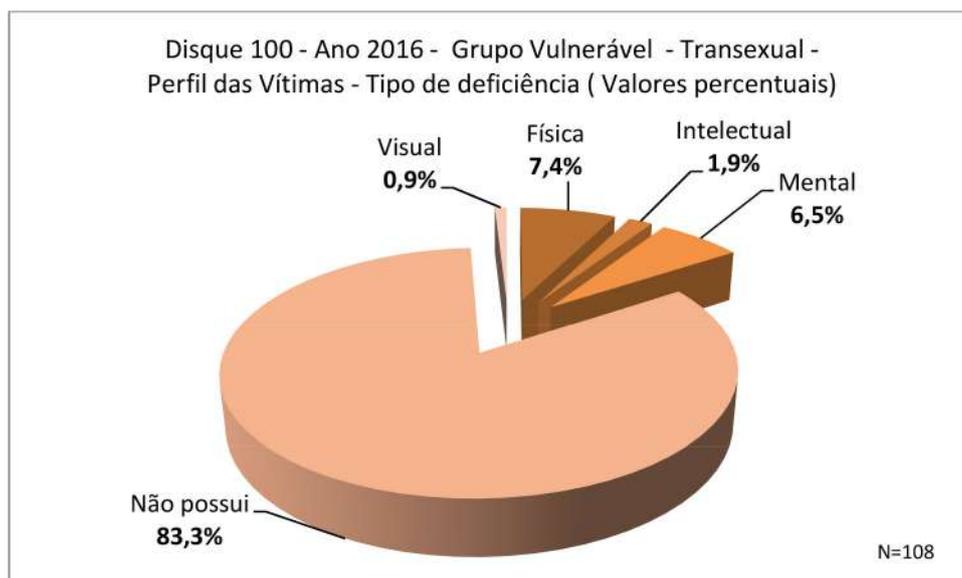
Gráfico 18



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

O gráfico acima apresenta informações em relação a cor/raça das vítimas transexuais. Do total de casos analisados 35,5% não trouxeram informações a este respeito, seguido de 28% de cor/raça branca; 21,5% de cor/raça parda e 14% de cor/raça preta. Quando somados, o total de vítima de cor/raça parda e preta representam 35,5%.

Gráfico 19

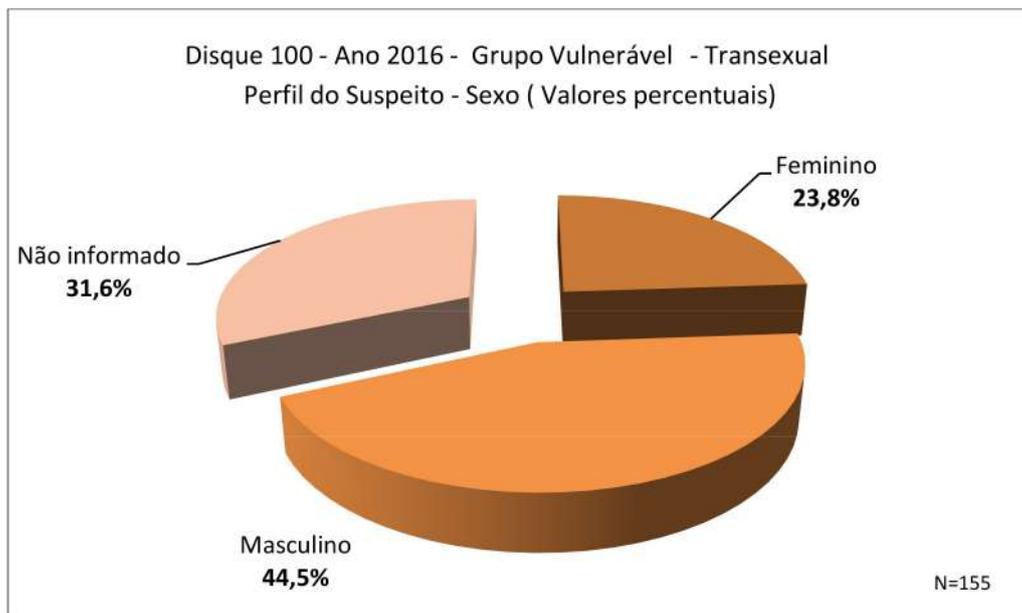


Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

O gráfico acima (19) traz informações relativas a possíveis deficiências que as vítimas possuem. Do total de casos informados, 83,3% não apresentam nenhum tipo de deficiência, seguido de 7,4% com deficiência física e 6,5% com deficiência mental.

Os gráficos 20, 21, 22 e 23 trazem informações relacionadas ao perfil do suspeito. A partir destes dados é possível analisar o sexo do suspeito, faixa etária, cor/raça e a possível relação entre o suspeito e a vítima.

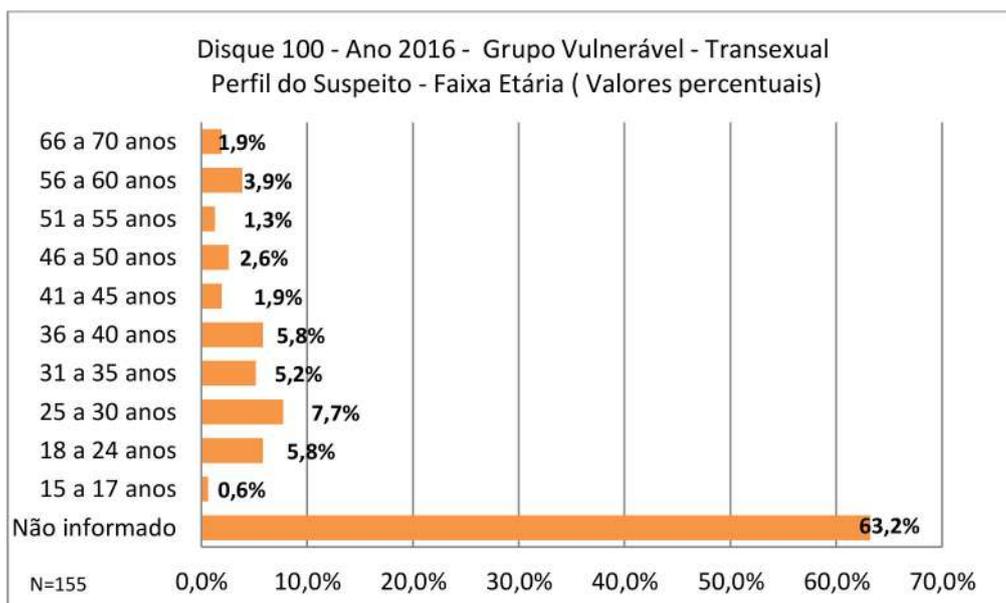
**Gráfico 20**



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

Do total de casos que trouxeram informações relacionadas ao sexo do suspeito, é possível inferir que 44,5% dos autores de transfobia foram homens, seguido de 23,8% mulheres e 31,6% não informados.

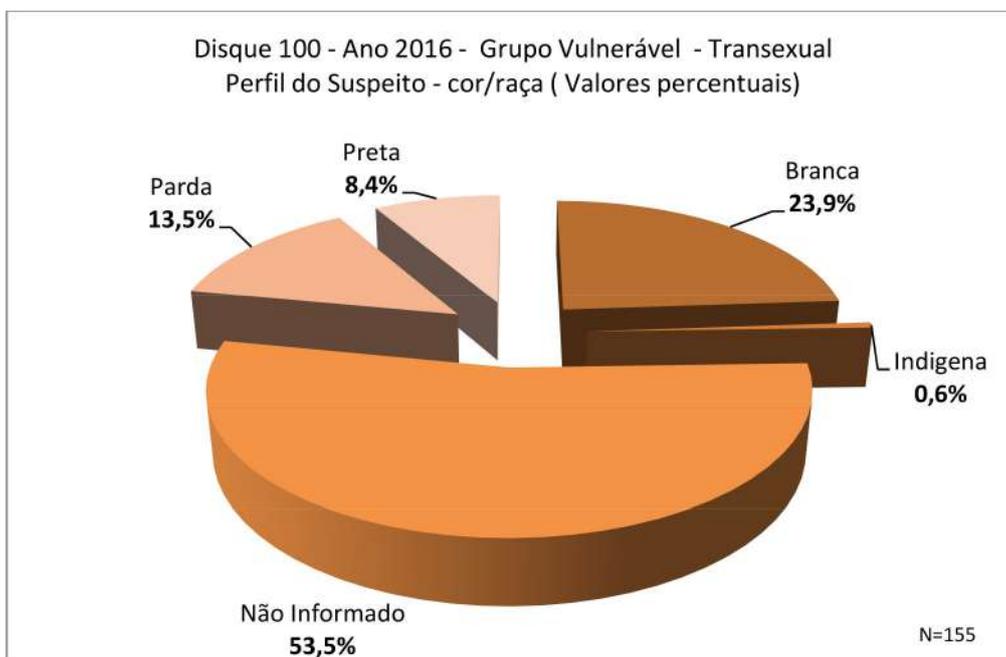
Gráfico 21



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

Em relação à faixa etária dos suspeitos, a maior parte dos casos não possui informação (63,2%). Dos casos que trazem esta informação 7,7% dos suspeitos possuem entre 25 a 30 anos, seguido de 5,8% entre 18 a 24 anos e 5,8% entre 36 a 40 anos.

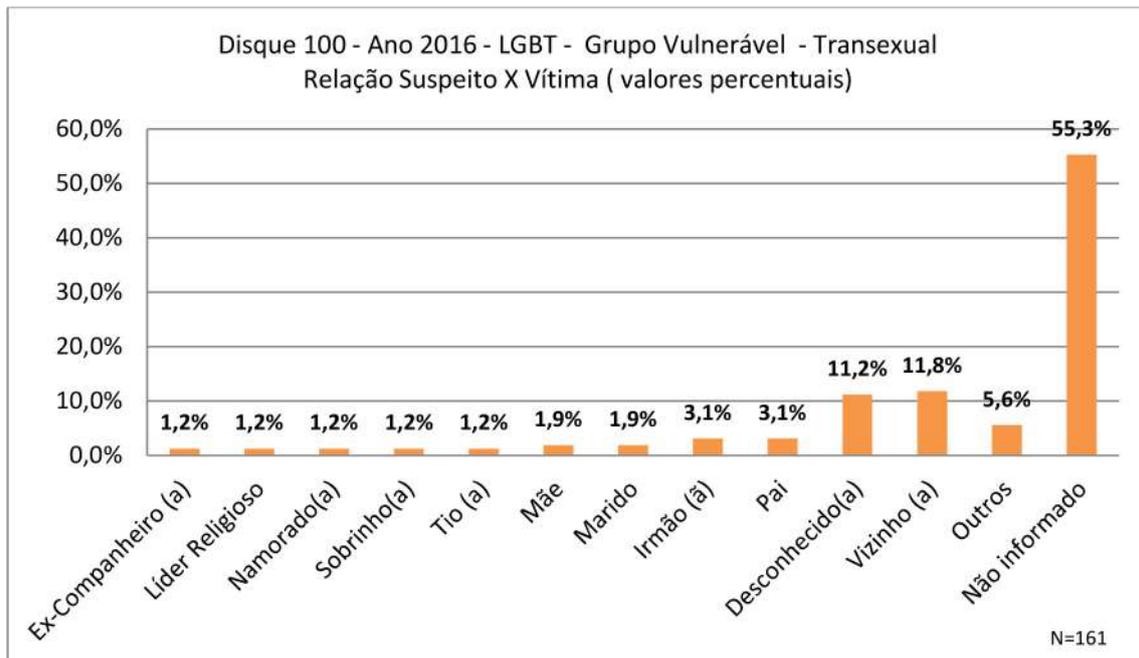
Gráfico 22



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

No que concerne à cor/raça dos suspeitos, a maior parte dos casos não apresentam esta informação (53,5%). Dos casos que informam este dado 23,9% dos suspeitos são de cor/raça branca, seguido de 13,5% de cor/raça parda e 8,4% de cor/raça preta. Quando somados, o total de vítima de cor/raça parda e preta representam 21,9%.

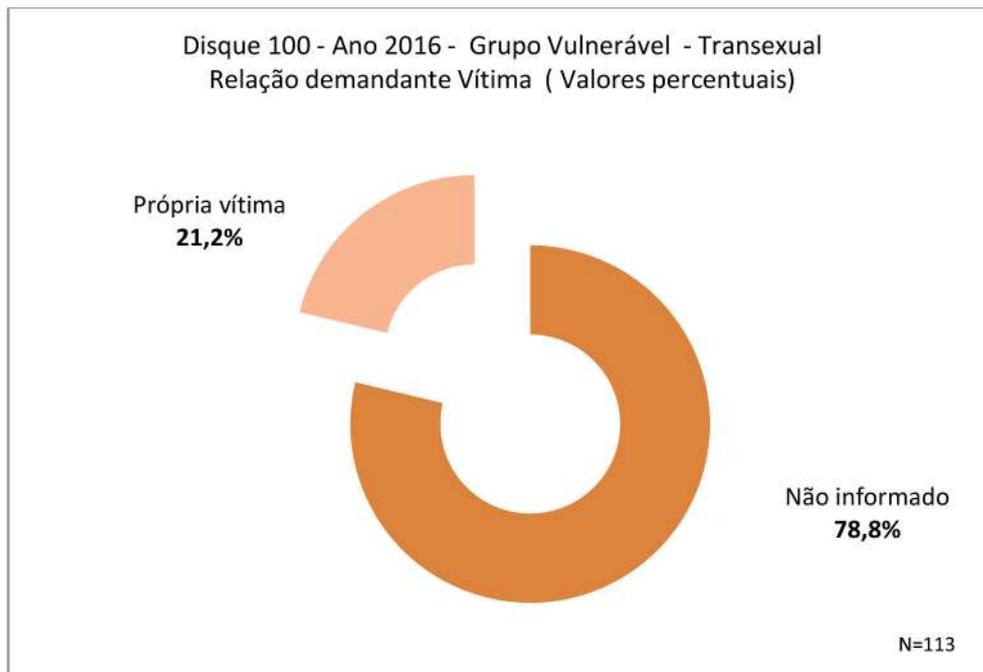
Gráfico 23



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

No que diz respeito a relação entre o suspeito e a vítima 55,3% não informam qual o tipo de relação existe, seguido de 11,8% como sendo relação entre vizinhos e 11,2% relação desconhecida. Os suspeitos que possuem algum tipo de relação familiar, como por exemplo: tio, namorado, marido, pai, irmão, sobrinho e mãe totalizam 12,4% dos casos.

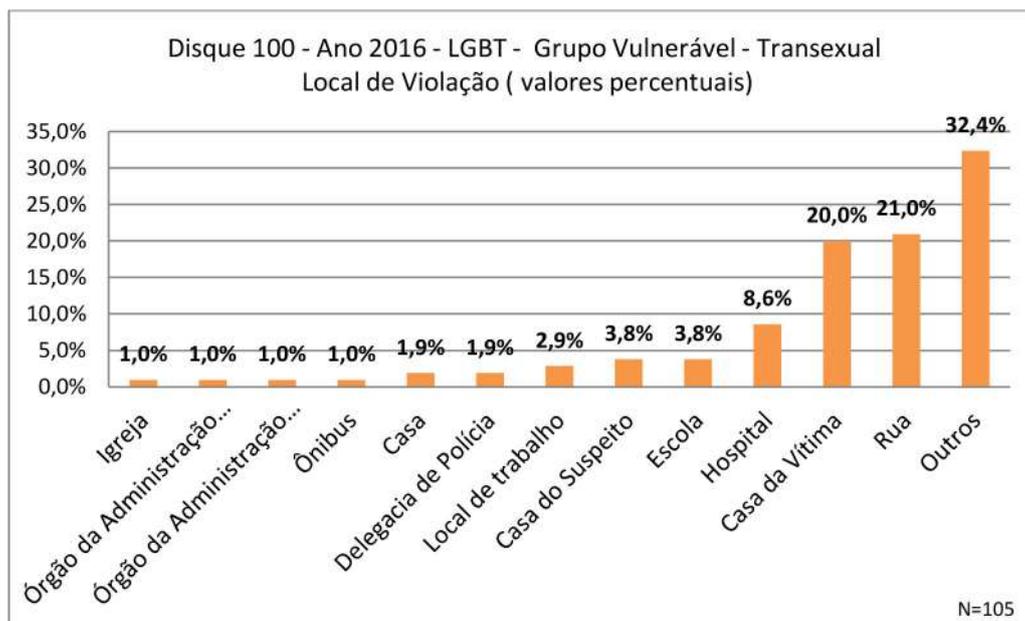
Gráfico 24



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

Quando analisamos o perfil daquele que demandou pelo serviço do Disque 100 e sua possível relação com a vítima, a maior parte dos casos não informa qual o tipo de relação existe (78,8%), seguido de 21,2% como sendo a própria vítima quem fez a denúncia.

Gráfico 25



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

Em relação ao local da violação, 32,4% das transexuais foram vítimas em outros locais que não aqueles especificados, seguido de 21% na rua e 20% em sua própria casa.

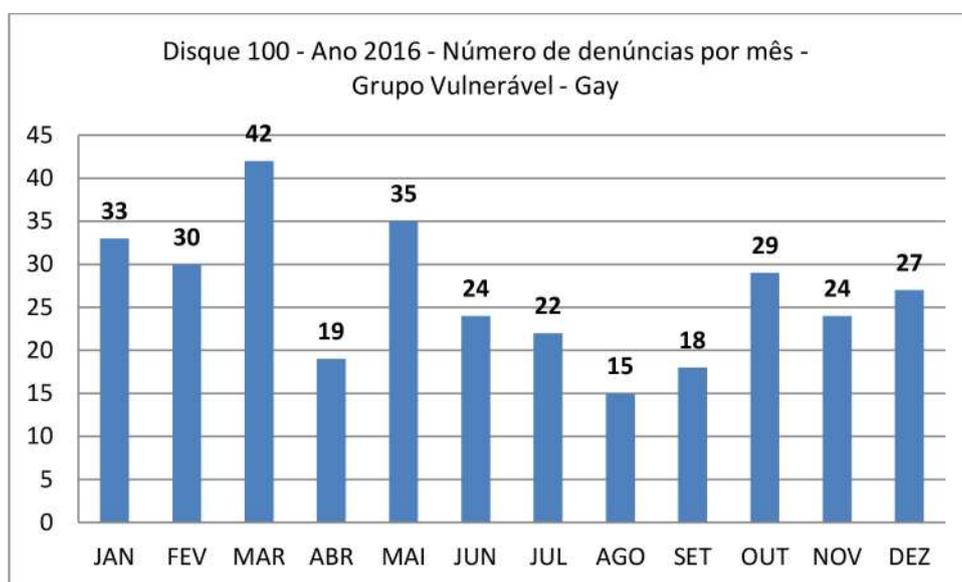
Em linhas gerais os dados do Disque 100 nos permitem inferir que o perfil dos suspeitos que cometeram algum tipo de violação contra transexuais no Brasil no ano de 2016 foram: homens, com idade entre 25 a 30 anos, de cor/raça branca e sem possuir qualquer tipo de relação com a vítima. Com a maior parte das violações ocorrendo em locais públicos.

Já as transexuais vítimas, foram identificadas como sendo a maior parte do sexo masculino, com idade entre 18 a 24 anos, de cor/raça branca e com 16,7% apresentando algum tipo de deficiência.

## 7. GRUPO VULNERÁVEL – GAY

Nesta sessão analisaremos as violações cometidas contra os gays. As variáveis para análise (com base no Disque 100) foram: (i) grupo de violação; data; tipo/subtipo de violação; frequência; local da ocorrência; (ii) relação vítima/demandante; relação vítima/suspeito; (iii) perfil da vítima: sexo; identidade sexual ; raça/cor; idade vítima; deficiência; situação de rua; (iv) perfil do suspeito: sexo; identidade sexual; raça/cor; idade vítima; deficiência; situação de rua.

Gráfico 26



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

O gráfico 26 apresenta o total de denúncias recebidas pelo Disque 100 ao longo do ano de 2016. Neste período foram recebidas 318 denúncias relatando violência contra gays. Os meses de março e maio apresentaram os maiores números, respectivamente, 42 e 35 casos registrados.

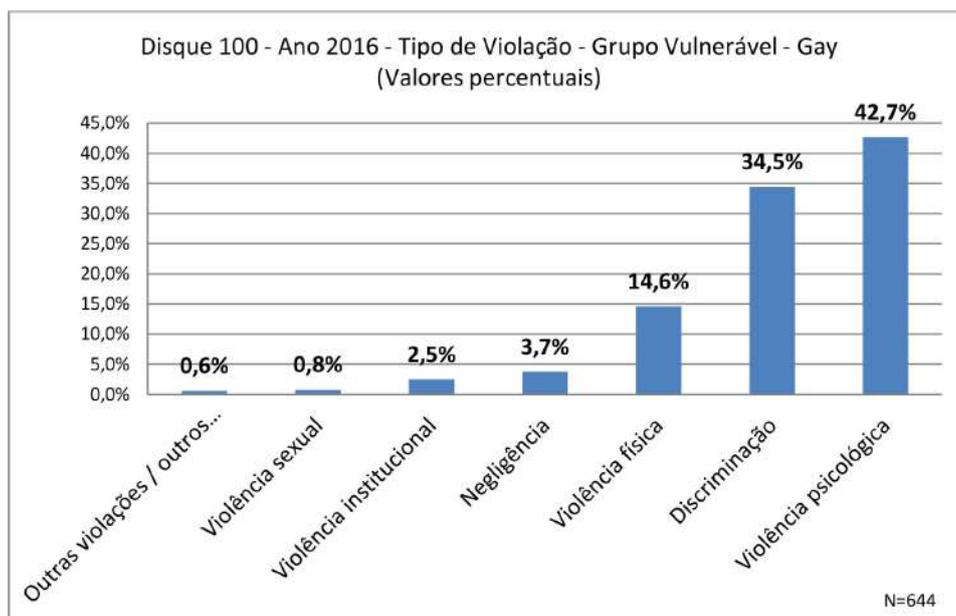
Quadro 03

Disque 100 - 2016 - Comparativo 2015/2016, aumento do número de denúncias por UF			
UF	2015	2016	% de aumento
AC	0	0	-
AL	3	7	133,3%
AM	8	3	-62,5%
AP	1	1	0,0%
BA	19	25	31,6%
CE	19	18	-5,3%
DF	14	11	-21,4%
ES	5	10	100,0%
GO	13	19	46,2%
MA	4	10	150,0%
MG	24	31	29,2%
MS	1	0	-100,0%
MT	5	2	-60,0%
PA	4	4	0,0%
PB	9	9	0,0%
PE	15	18	20,0%
PI	2	3	50,0%
PR	14	14	0,0%
RJ	34	35	2,9%
RN	8	7	-12,5%
RO	2	0	-100,0%
RR	0	0	-
RS	9	8	-11,1%
SC	9	8	-11,1%
SE	1	2	100,0%
SP	58	72	24,1%
TO	1	1	0,0%
<b>TOTAL</b>	<b>282</b>	<b>318</b>	<b>12,8%</b>

Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

O quadro 03 apresenta o comparativo de ocorrências recebidas pelo Disque 100 entre os anos de 2015 e 2016. No ano de 2015 foram recebidas 282 ocorrências, ao passo que em 2016 este número aumentou para 318, representando assim um aumento percentual de 12,8% dos casos.

Gráfico 27

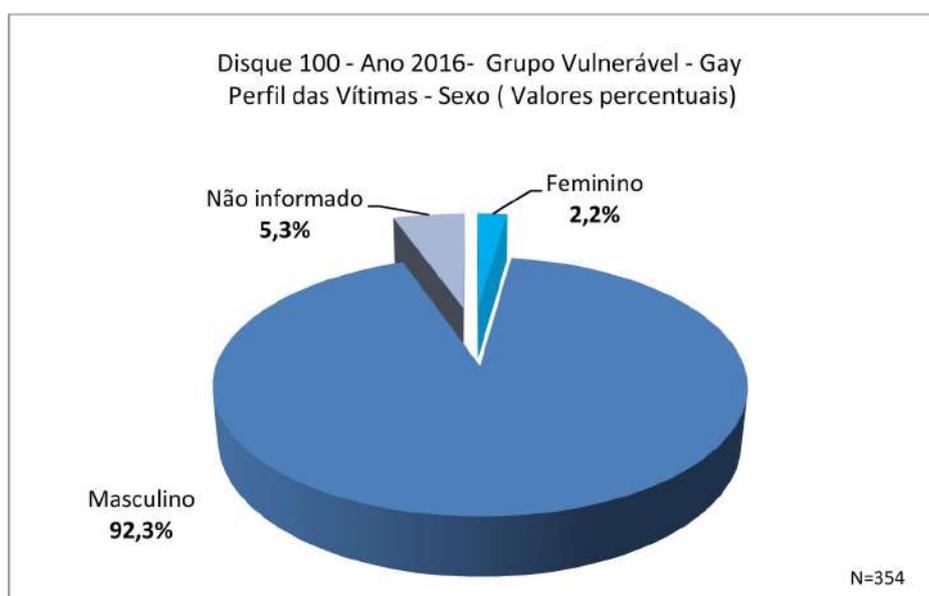


Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

O gráfico acima (27) indica o tipo de violação sofrida pela vítima, no total as 318 ocorrências registradas em 2016 apresentaram um total de 644 violações. Destas 42,7% sofreram violência psicológica, seguido de 34,5% discriminação e 14,6% violência física.

Os gráficos 28, 29, 30 e 31 trazem informações sobre o perfil das vítimas, estes dados trazem detalhes sobre o sexo das vítimas, faixa etária, cor/raça e se apresentam algum tipo de deficiência.

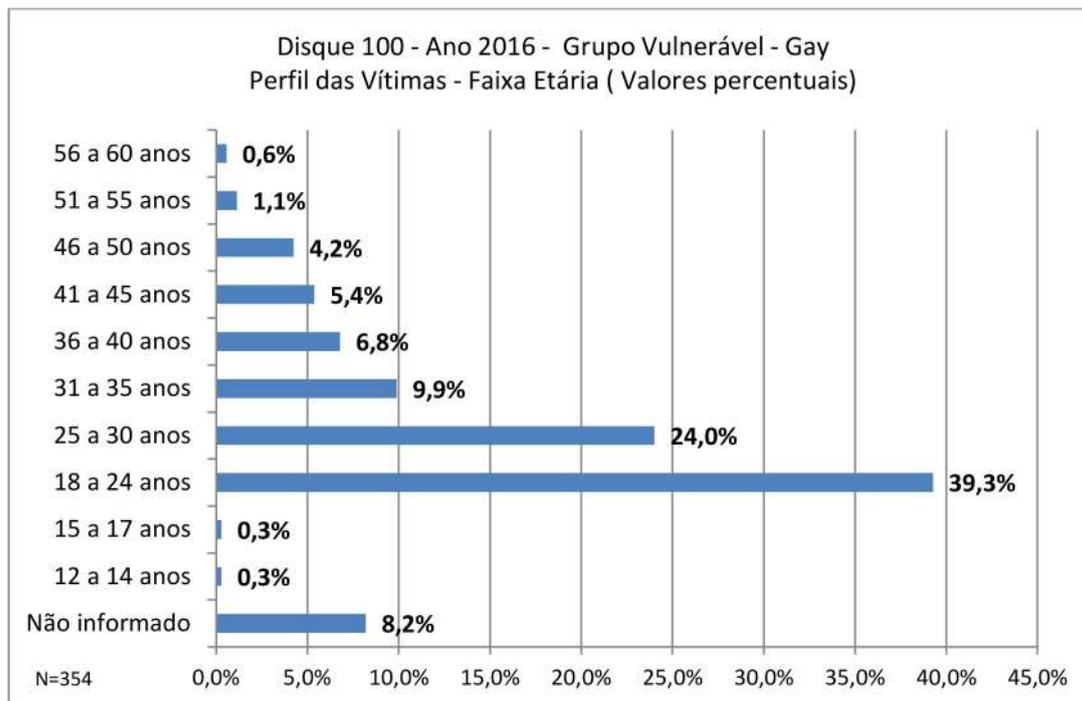
Gráfico 29



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

Do total de denúncias registradas em 2016, 354 casos trouxeram informações sobre o sexo da vítima. Das vítimas que foram classificadas como gays, 92,3% foram identificadas como sendo do sexo masculino, seguido de 2,2% do sexo feminino e 5,3% como não informado.

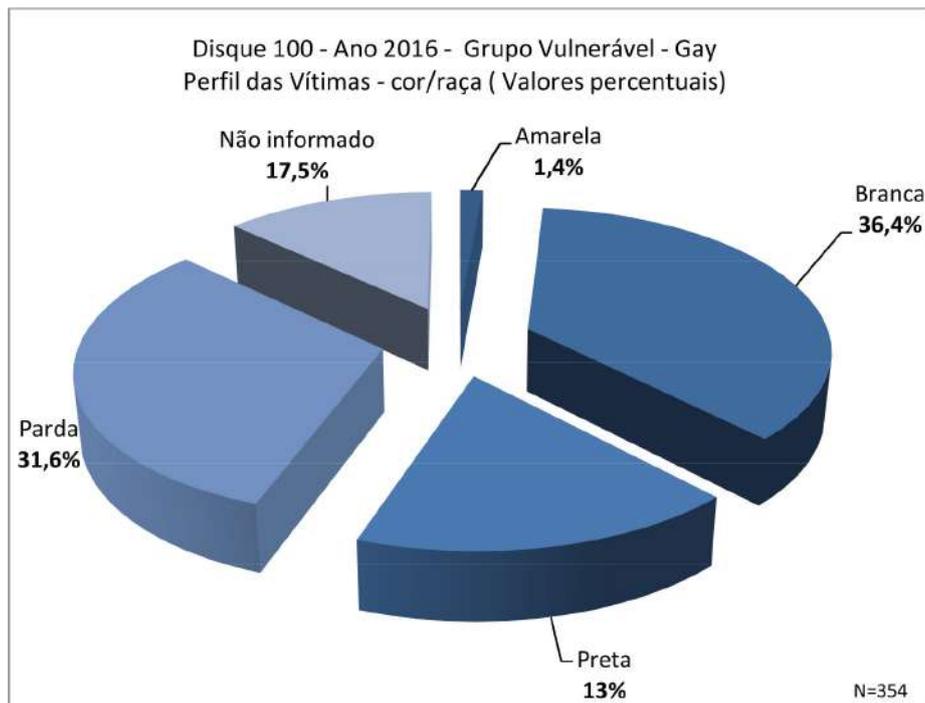
Gráfico 30



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

Em relação a faixa etária das vítimas, 354 casos trouxeram informações a este respeito. Do total de vítimas, 39,3% apresentam entre 18 a 24 anos, seguido de 24% entre 25 a 30 anos e 9,9% entre 31 a 35 anos. Somados o total de gays que foram vítimas entre 18 a 30 anos representam 63,3% dos casos.

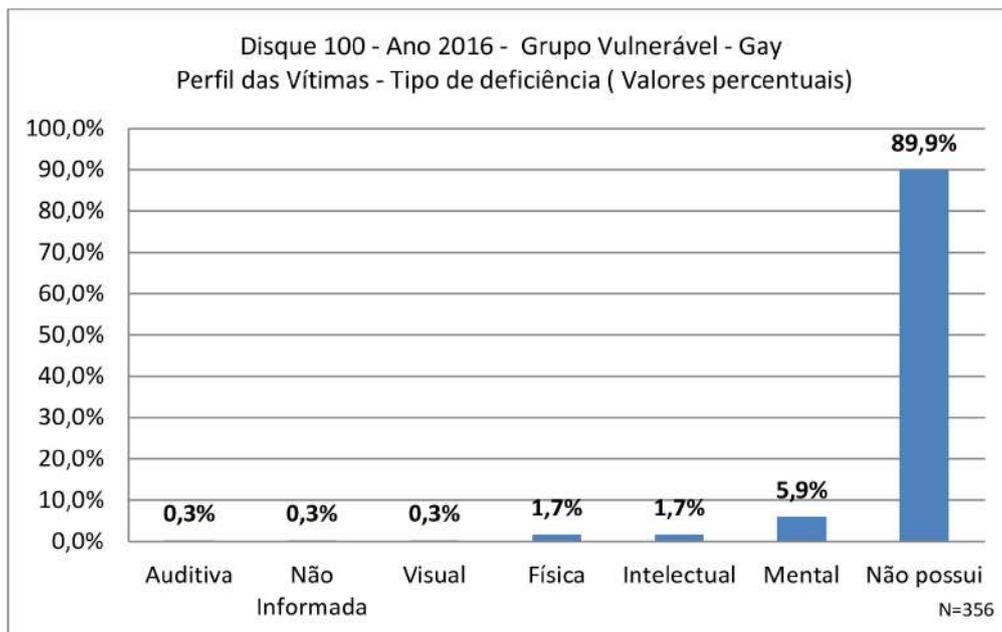
Gráfico 30



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

O gráfico acima apresenta informações em relação a cor/raça das vítimas. Do total de casos analisados 17,5% não trouxeram informações a este respeito. Dos casos que informaram: 36,4% são de cor/raça branca, 31,6% de cor/raça parda e 13% de cor/raça preta. Quando somados, o total de vítima de cor/raça parda e preta representam 44,6%.

Gráfico 31

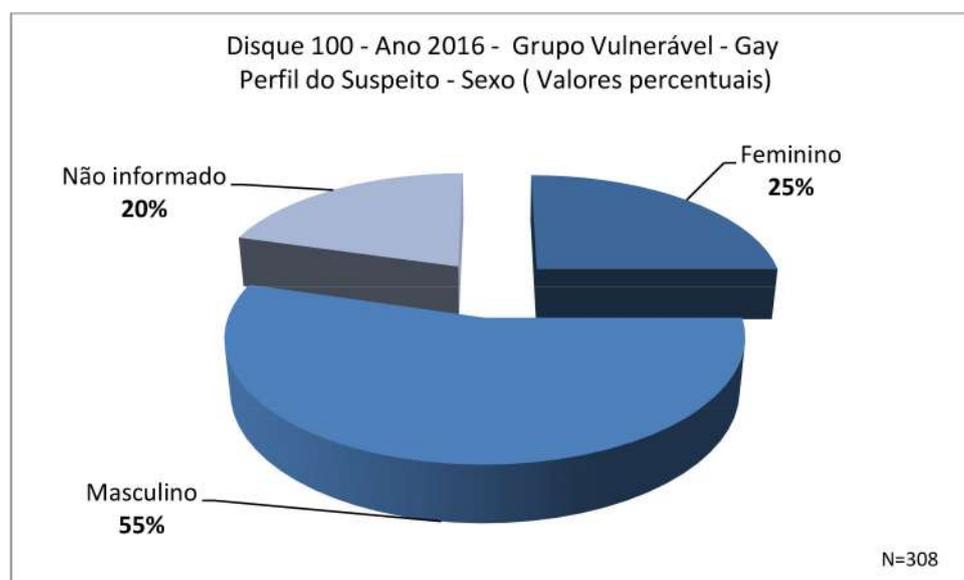


Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

O gráfico 31 traz informações relativas a possíveis deficiências que as vítimas possuam. Do total de casos informados, 89,9% não apresentam nenhum tipo de deficiência, seguido de 5,9% com deficiência mental e 1,7% com deficiência intelectual. As demais deficiências (visual, auditiva e física) somadas totalizam 2,3% dos casos registrados.

Os gráficos 32, 33, 34 e 35 trazem informações relacionadas ao perfil do suspeito. A partir destes dados é possível analisar o sexo do suspeito, faixa etária, cor/raça e a possível relação entre o suspeito e a vítima.

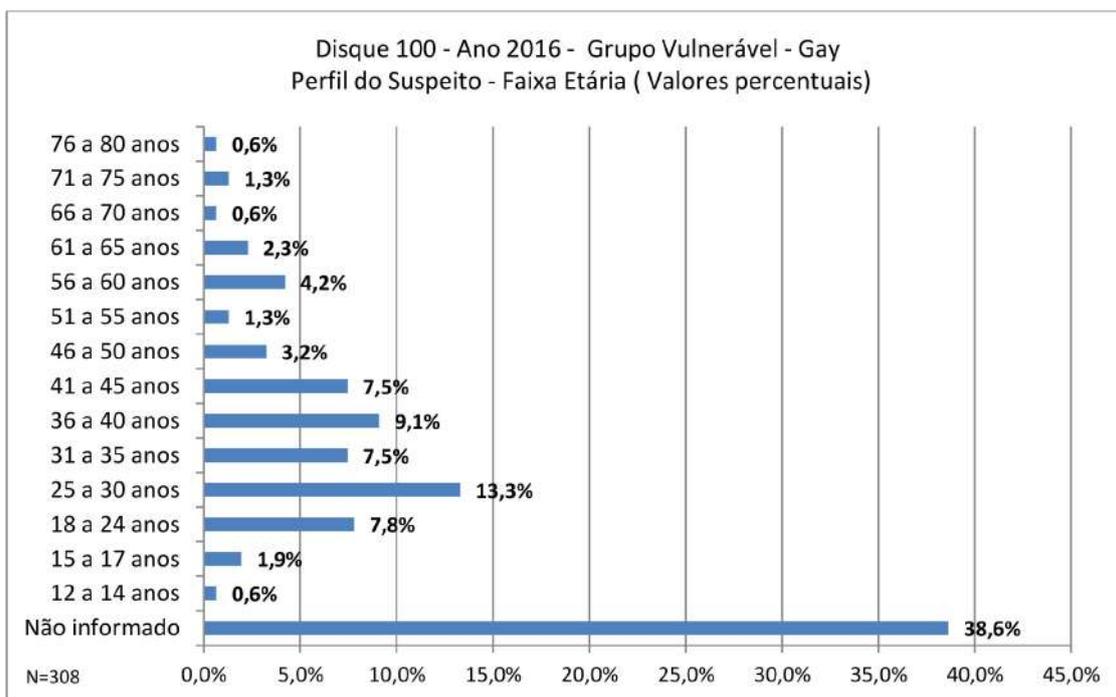
**Gráfico 32**



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

Do total de casos que trouxeram informações relacionadas ao sexo do suspeito, é possível inferir que 55% dos autores de homofobia foram homens, seguido de 25% mulheres e 20% não informado.

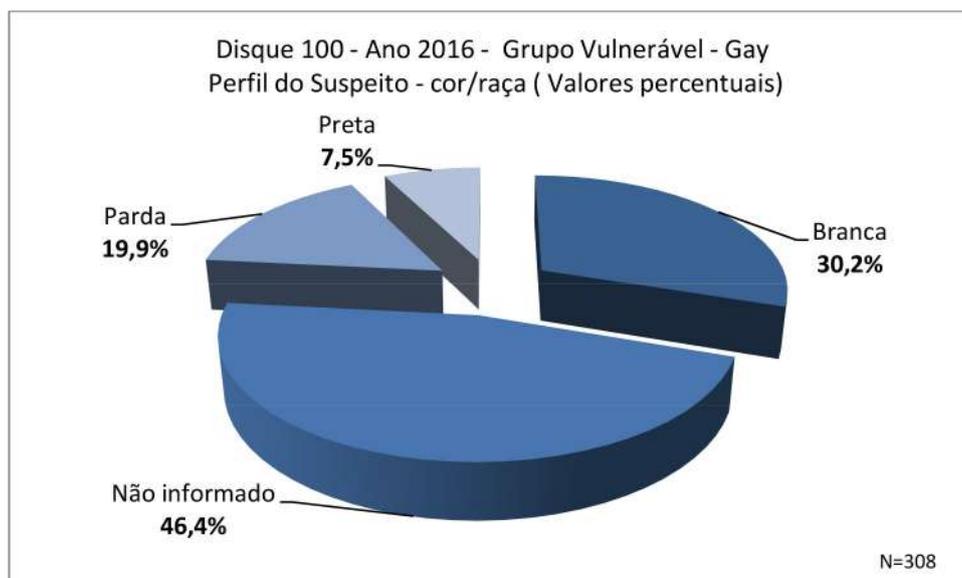
Gráfico 33



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

Em relação a faixa etária dos suspeitos, a maior parte não possui informação (38,6%). Dos casos que trazem esta informação; 13,3% dos suspeitos possuem entre 25 a 30 anos, seguido de 9,1% entre 36 a 40 anos e 7,8% entre 18 a 24 anos.

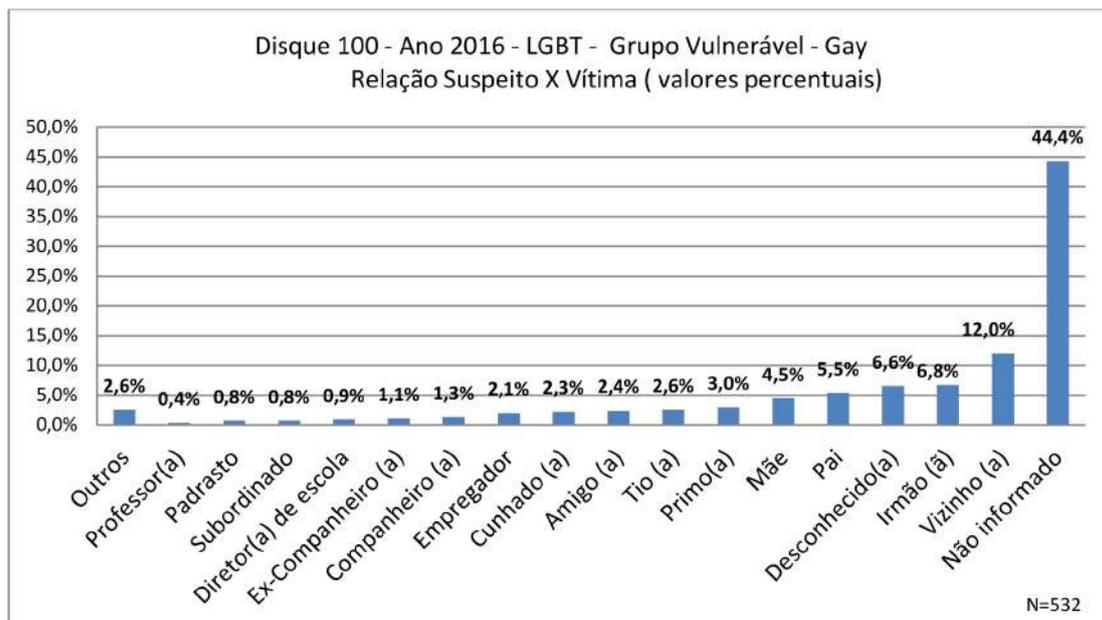
Gráfico 34



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

No que concerne à cor/raça dos suspeitos, a maior parte dos casos não apresentam esta informação (46,4%). Dos casos que informam este dado 30,2% dos suspeitos são de cor/raça branca, seguido de 19,9% de cor/raça parda e 7,5% de cor/raça preta. Quando somados, o total de vítima de cor/raça parda e preta representam 27,4%.

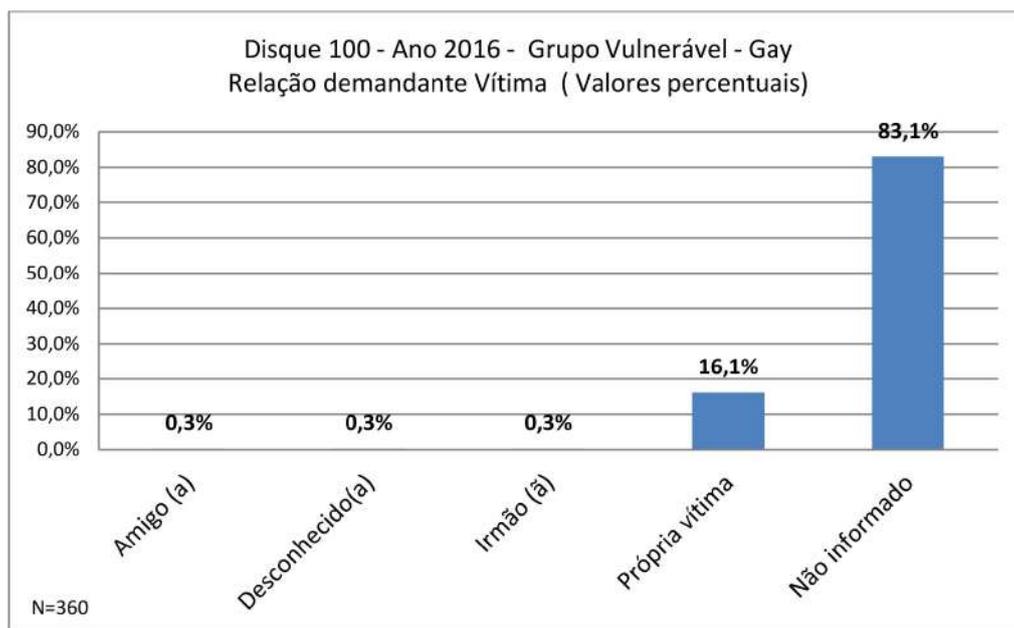
Gráfico 35



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

No que diz respeito à relação entre o suspeito e a vítima 44,4% não informam qual o tipo de relação existe, seguido de 12% como sendo vizinhos e 6,8% irmãos. Os demais suspeitos que possuem algum tipo de relação familiar com a vítima, somados, totalizam 21,1% dos casos.

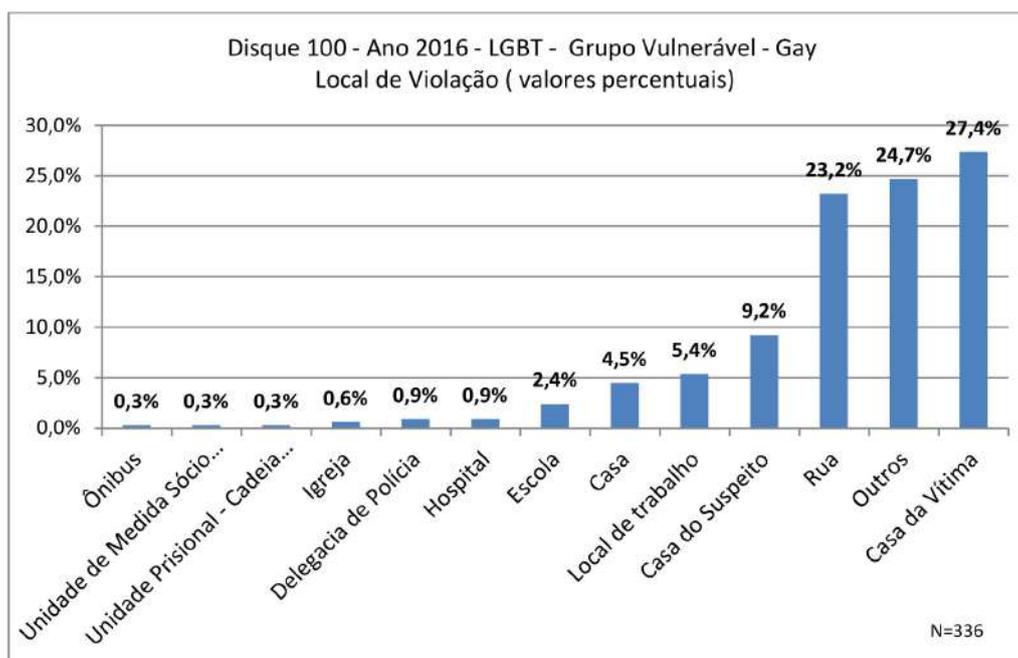
Gráfico 36



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

Quando analisamos o perfil daquele que demandou pelo serviço do Disque 100 e sua possível relação com a vítima, a maior parte dos casos não informa qual o tipo de relação existe (83,1%), seguido de 16,1% como sendo a própria vítima quem fez a denúncia e 0,3% como sendo irmãos.

Gráfico 37



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

Em relação ao local da violação, 27,4% dos gays foram vítimas em suas próprias residências, seguido de 24,7% em outros locais não especificados e 23,2% na rua.

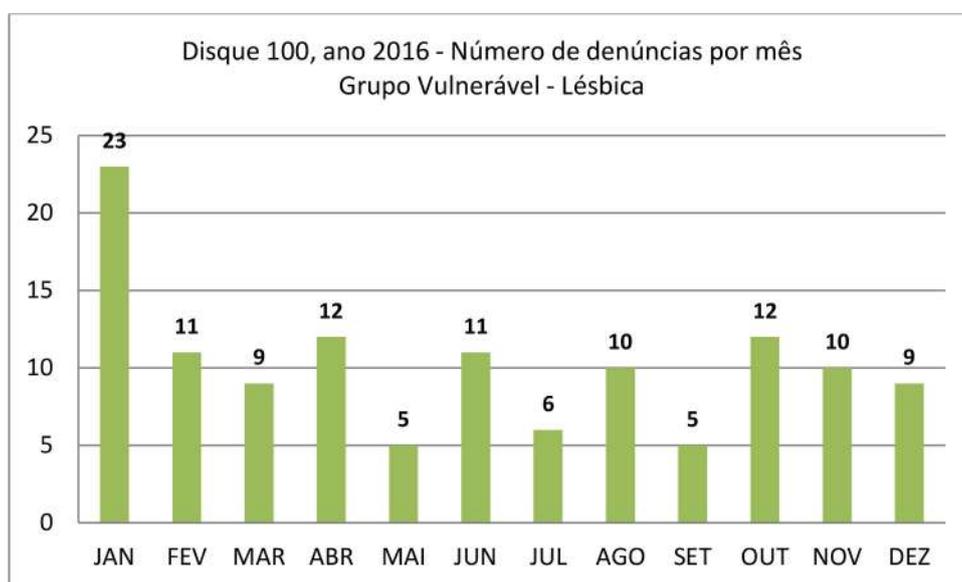
Em linhas gerais os dados do Disque 100 nos permitem inferir que o perfil dos suspeitos que cometeram algum tipo de violação contra os gays no Brasil no ano de 2016 foram: homens, entre 25 a 30 anos, de cor/raça branca, sendo a maior parte deles vizinhos das vítimas. Considerando a relação de vizinha entre vítima e autor, a residência da vítima aparece como o local com o maior número de ocorrências.

Já os gays vítimas, foram identificadas como sendo a maior parte do sexo masculino, com idade entre 18 a 24 anos, de cor/raça branca e com 10,1% apresentando algum tipo de deficiência.

## 8. GRUPO VULNERÁVEL – LÉSBICA

Nesta sessão analisaremos as violações cometidas contra as lésbicas. As variáveis para análise (com base no Disque 100) foram: (i) grupo de violação; data; tipo/subtipo de violação; frequência; local da ocorrência; (ii) relação vítima/demandante; relação vítima/suspeito; (iii) perfil da vítima: sexo; identidade sexual; raça/cor; idade vítima; deficiência; situação de rua; (iv) perfil do suspeito: sexo; identidade sexual; raça/cor; idade vítima; deficiência; situação de rua.

Gráfico 38



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

O gráfico acima (38) apresenta o total de denúncias recebidas pelo Disque 100 ao longo do ano de 2016. Neste período foram recebidas 104 denúncias relatando violência contra lésbicas. Os meses de novembro e dezembro apresentaram os maiores números, respectivamente, 17 e 16 casos registrados em cada mês.

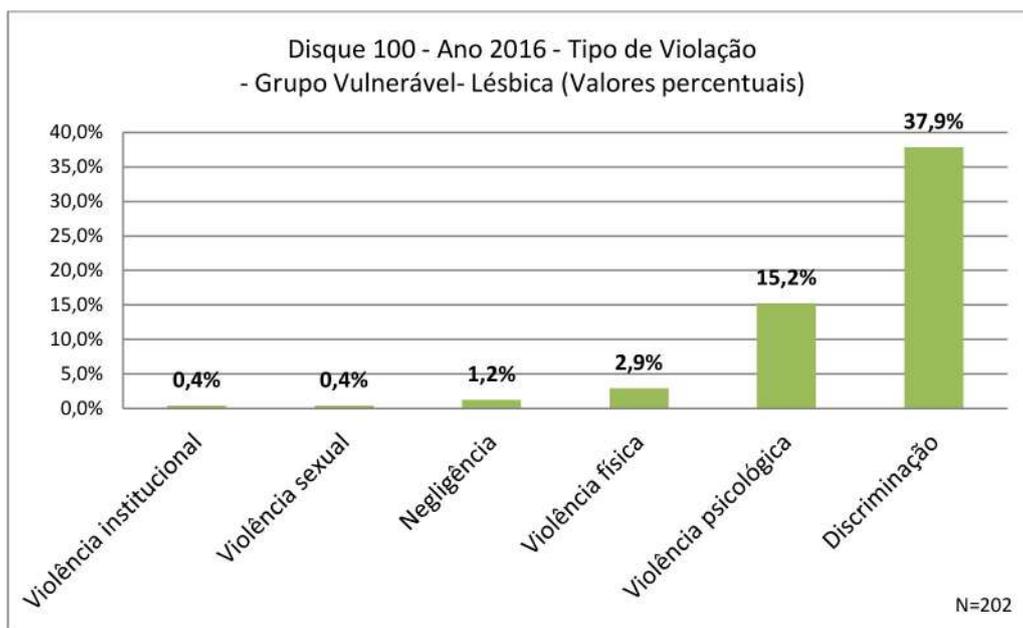
Quadro 04

Disque 100 -2016 - Comparativo 2015/2016, aumento do número de denúncias por UF -Grupo Vulnerável - Lésbica			
UF	2015	2016	% de aumento
AC	0	0	-
AL	0	4	-
AM	3	1	-66,7%
AP	0	0	-
BA	7	10	42,9%
CE	9	9	0,0%
DF	5	3	-40,0%
ES	5	3	-40,0%
GO	5	3	-40,0%
MA	4	6	50,0%
MG	5	6	20,0%
MS	1	3	200,0%
MT	1	2	100,0%
PA	3	6	100,0%
PB	3	4	33,3%
PE	5	12	140,0%
PI	3	3	0,0%
PR	5	5	0,0%
RJ	9	11	22,2%
RN	3	0	-100,0%
RO	0	0	-
RR	0	0	-
RS	1	6	500,0%
SC	2	2	0,0%
SE	1	0	-100,0%
SP	24	24	0,0%
TO	0	0	-
<b>TOTAL</b>	<b>104</b>	<b>123</b>	<b>18,27%</b>

Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

O quadro 04 apresenta o comparativo de ocorrências recebidas pelo Disque 100 entre os anos de 2015 e 2016. No ano de 2015 foram recebidas 104 ocorrências, ao passo que em 2016 este número elevou para 123, representando um aumento percentual de 18,2% dos casos registrados.

Gráfico 39

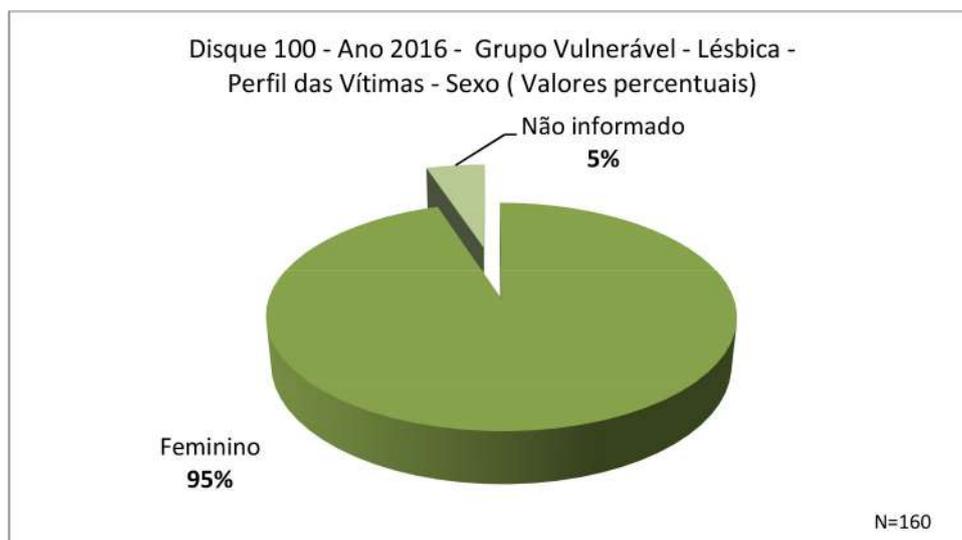


Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

O gráfico acima (39) indica o tipo de violação sofrida pela vítima, no total as 123 ocorrências registradas em 2016 apresentaram um total de 202 violações. Destas 37,6% sofreram discriminação, seguido de 15,2% violência psicológica em 14,4% violência física.

Os gráficos 40, 41, 42 e 43 trazem informações sobre o perfil das vítimas, estes dados trazem detalhes sobre o sexo das vítimas, faixa etária, cor/raça e se apresentam algum tipo de deficiência.

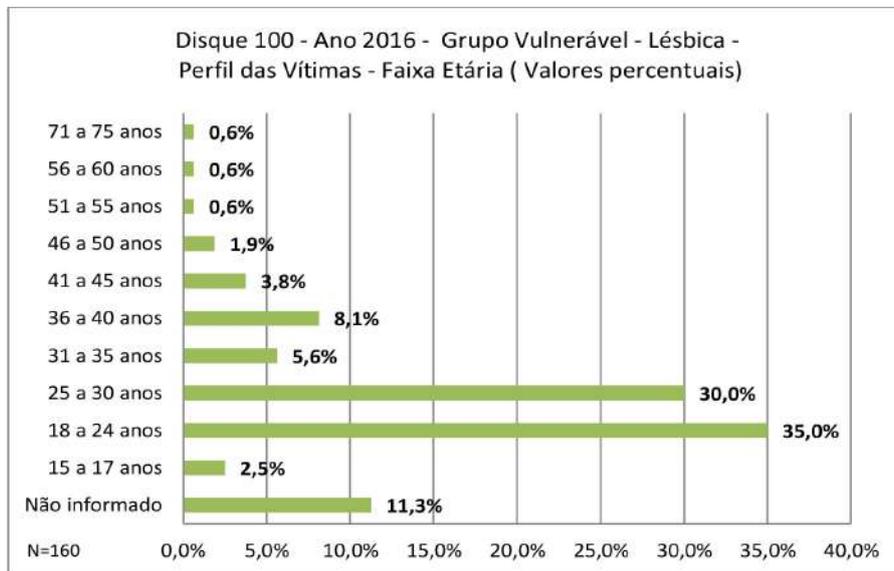
Gráfico 40



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

Do total de denúncias registradas em 2016, 160 casos trouxeram informações sobre o sexo da vítima. Das vítimas que foram classificadas como lésbicas, 95% foram identificadas como sendo do sexo feminino e 5% como não informado.

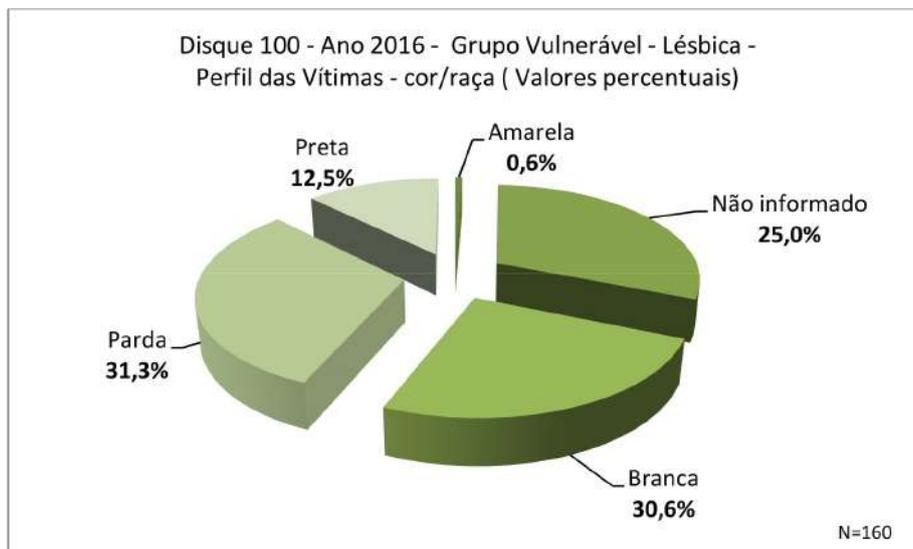
Gráfico 41



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

Em relação a faixa etária das vítimas, 160 casos trouxeram informações a este respeito. Do total de vítimas, 35% apresentam entre 18 a 24 anos, seguido de 30% entre 25 a 30 anos e 8,1% entre 36 a 40 anos. Somadas o total de lésbicas que foram vítimas entre 18 a 30 anos representam 65% dos casos.

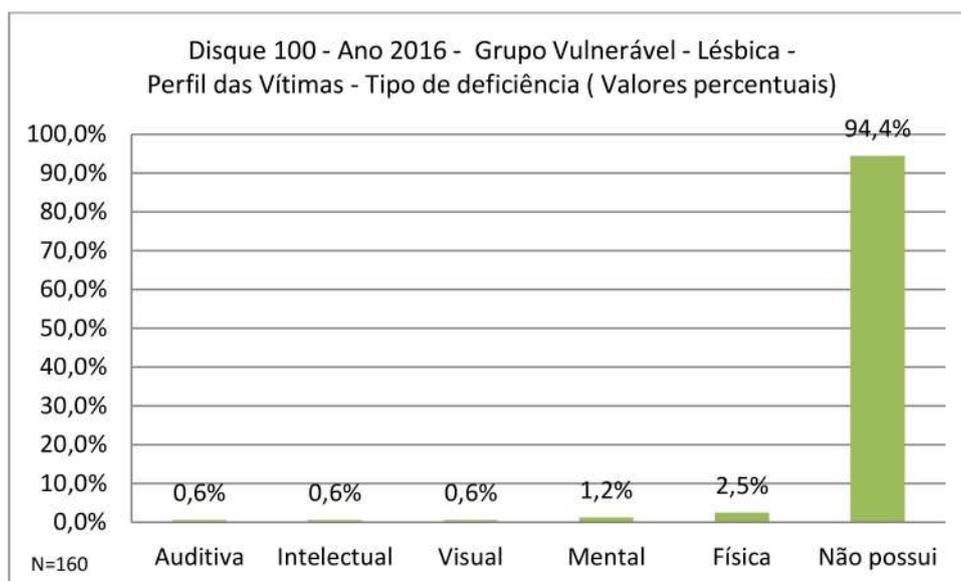
Gráfico 42



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

O gráfico acima apresenta informações em relação a cor/raça das vítimas. Do total de casos analisados 25% não trouxeram informações a este respeito. Para os casos que trouxeram informação 31,3% é de cor/raça parda, seguido de 30% de cor/raça branca e 12,5% de cor/raça preta. Quando somados, o total de vítima de cor/raça parda e preta representam 43,8%.

Gráfico 43

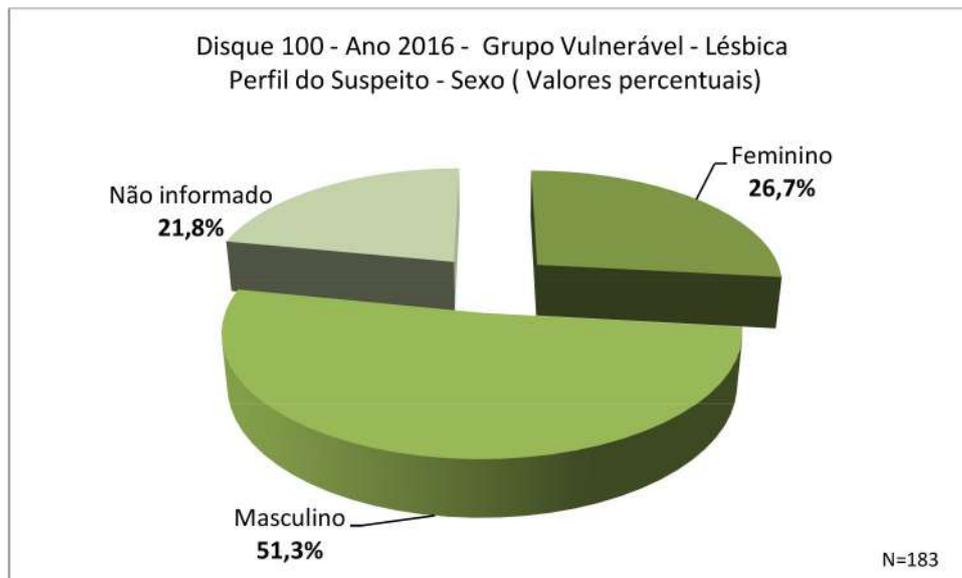


Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

O gráfico acima (43) traz informações relativas a possíveis deficiências que as vítimas possuem. Do total de casos informados, 94,4% não apresentam nenhum tipo de deficiência, seguido de 2,5% com deficiência física e 1,2% com deficiência mental.

Os gráficos 44, 45, 46 e 47 trazem informações relacionadas ao perfil do suspeito. A partir destes dados é possível analisar o sexo do suspeito, faixa etária, cor/raça e a possível relação entre o suspeito e a vítima.

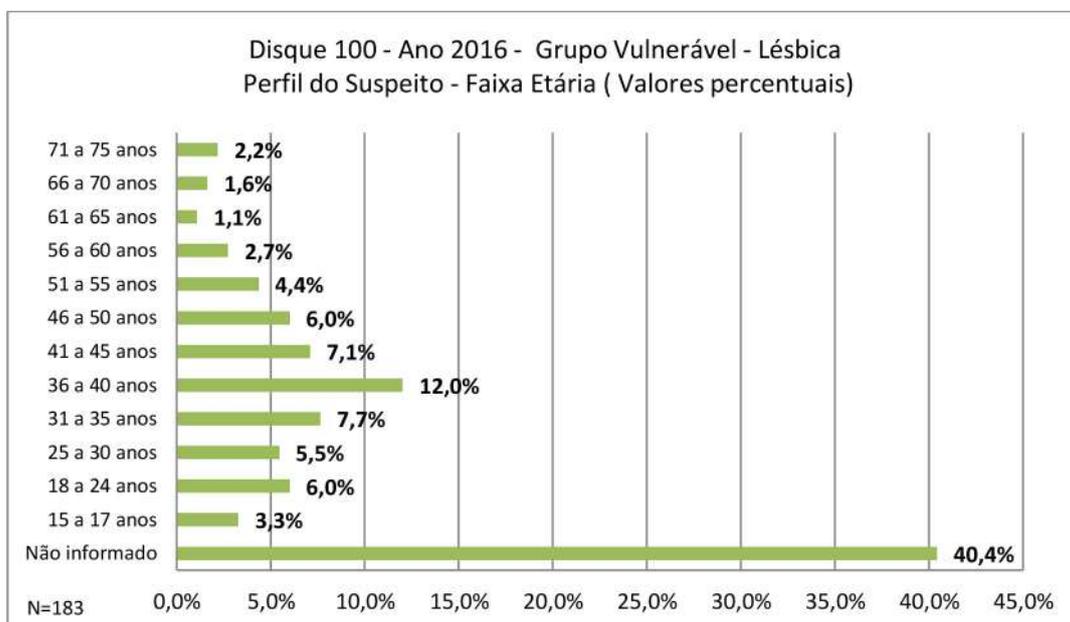
Gráfico 44



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

Do total de casos que trouxeram informações relacionadas ao sexo do suspeito, é possível inferir que 51,3% dos autores de lesbofobia foram homens, seguido de 26,7% mulheres e 21,8% como não informados.

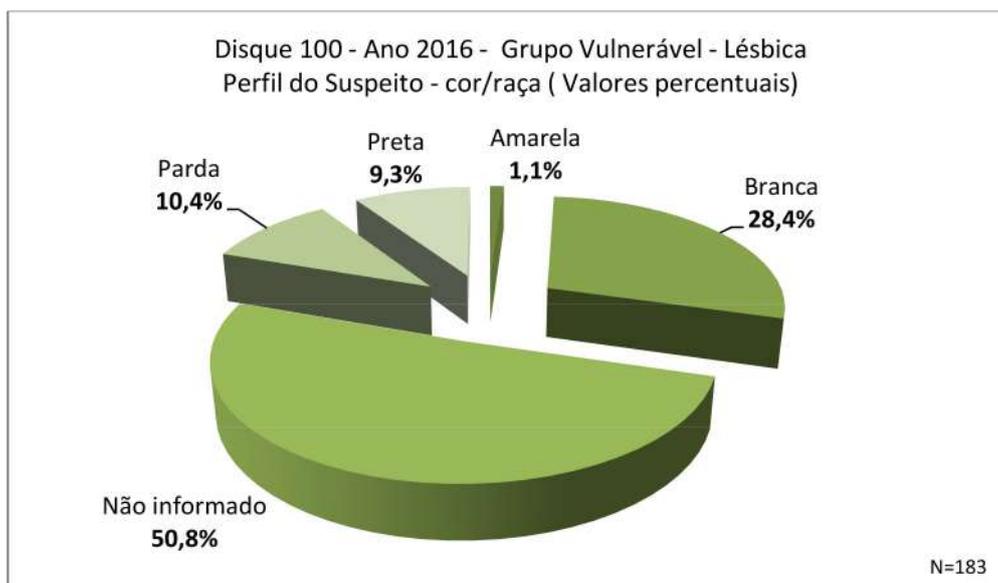
Gráfico 45



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

Em relação a faixa etária dos suspeitos, a maior parte não possui informação (40,4%). Dos casos que trazem esta informação 12% dos suspeitos possuem entre 36 a 40 anos, seguido de 7,7% entre 31 a 35 anos e 7,1% entre 41 a 45 anos.

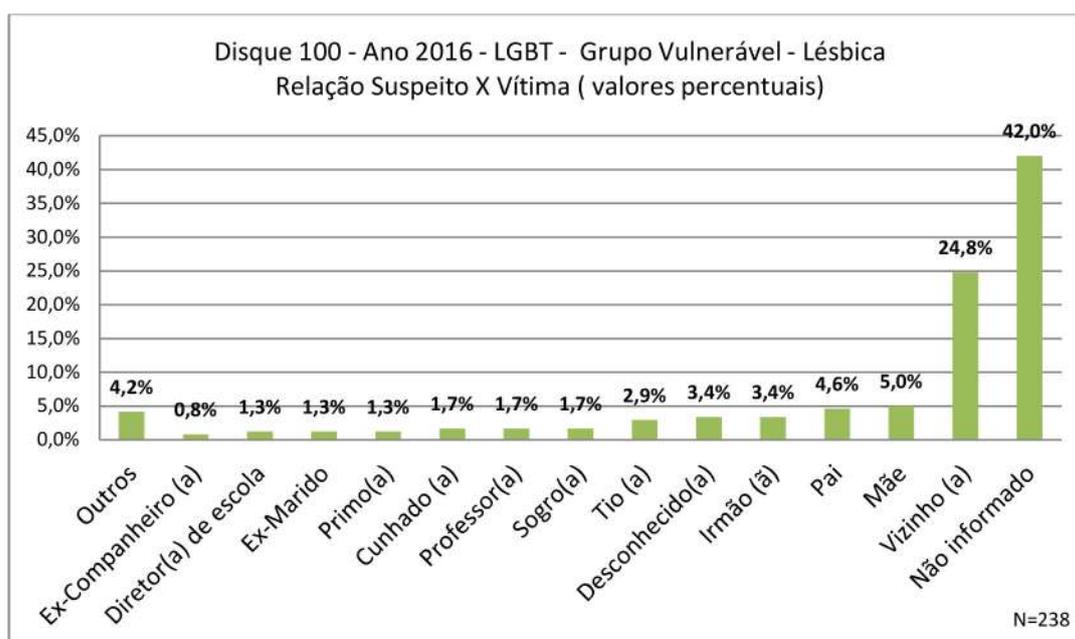
Gráfico 46



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

No que concerne à cor/raça dos suspeitos, a maior parte dos casos não apresentam esta informação (50,8%). Dos casos que trazem este dado 28,4% dos suspeitos são de cor/raça branca, seguido de 10,4% de cor/raça parda, 9,3% de cor/raça preta e 1,1% de cor/raça amarela. Quando somados, o total de vítima de cor/raça parda e preta representam 19,7%.

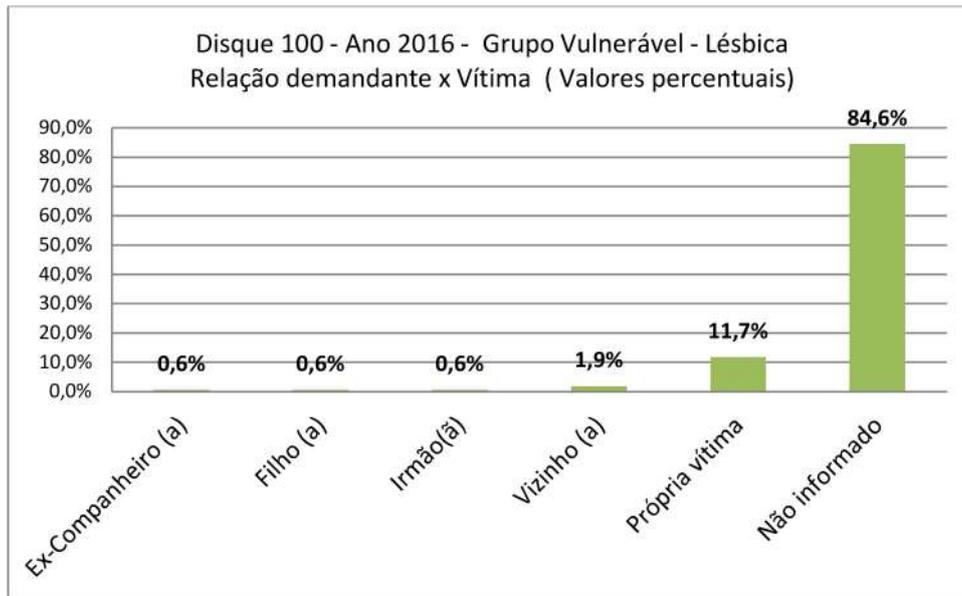
Gráfico 47



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

No que diz respeito à relação entre o suspeito e a vítima 42% dos casos não trazem informação a este respeito. Para os casos que possuem este dado 24,8% dos suspeitos são vizinhos das vítimas, seguido de 5% mãe e 4,6% pai. Os demais suspeitos que também possuem algum tipo de relação familiar com a vítima, somados, totalizam 13,1% dos casos registrados. É importante destacar o elevado percentual de suspeitos que possuem relação familiar com a vítima.

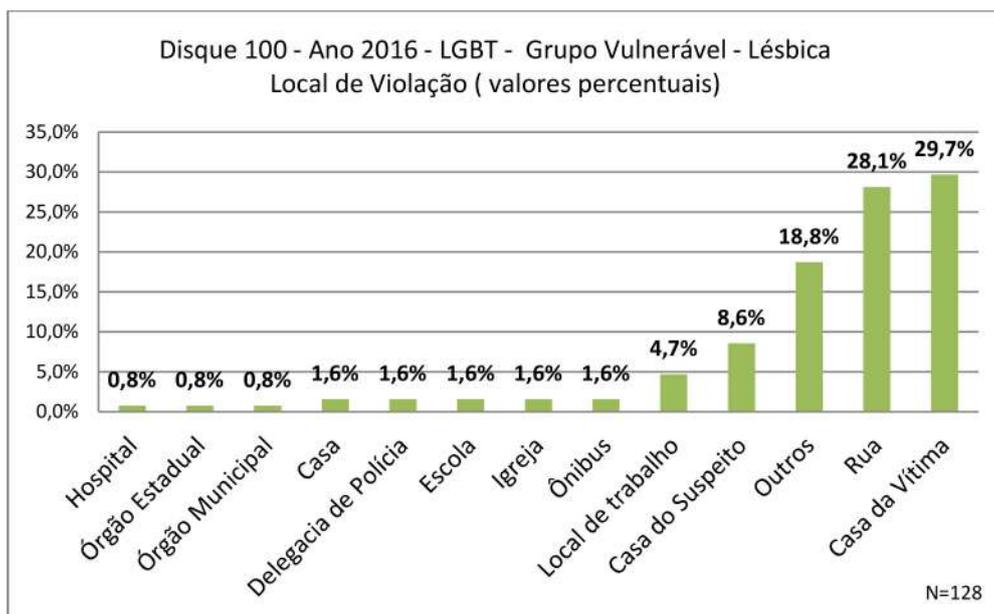
Gráfico 48



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

Quando analisamos o perfil daquele que demandou pelo serviço do Disque 100 e sua possível relação com a vítima, a maior parte dos casos não informa qual o tipo de relação existe (84,6%), seguido de 11,7% como sendo a própria vítima e 1,9% como sendo vizinhos.

Gráfico 49



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

Em relação ao local da violação, 29,7% das lésbicas sofreram a violação em sua própria residência, seguido de 28,1% na rua e 18,8% em outros locais.

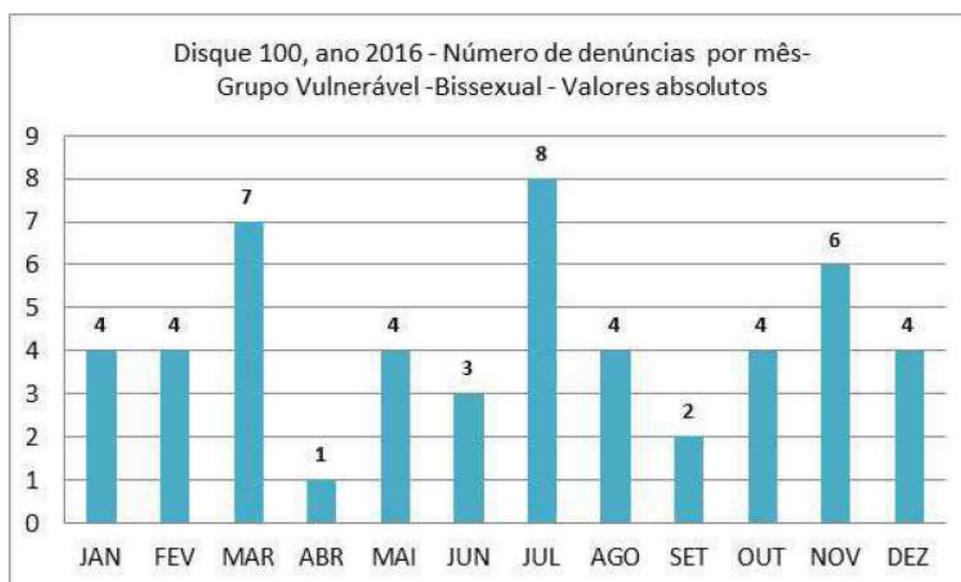
Em linhas gerais os dados do Disque 100 nos permitem inferir que o perfil dos suspeitos que cometeram algum tipo de violação contra lésbicas no Brasil no ano de 2016 foram: homens, entre 36 a 40 anos, de cor/raça branca, residindo a maior parte dos suspeitos próximo ao agressor.

Já as lésbicas vítimas, foram identificadas como sendo a maior parte do sexo feminino, com idade entre 18 a 24 anos, de cor/raça parda e apresentando 5,6% algum tipo de deficiência. A maior parte das violações ocorreram na própria casa da vítima

## 9. GRUPO VULNERÁVEL – BISSEXUAL

Serão analisadas aqui as violações cometidas contra os bissexuais. As variáveis para análise (com base no Disque 100) foram: (i) grupo de violação; data; tipo/subtipo de violação; frequência; local da ocorrência; (ii) relação vítima/demandante; relação vítima/suspeito; (iii) perfil da vítima: sexo; identidade sexual; raça/cor; idade vítima; deficiência; situação de rua; (iv) perfil do suspeito: sexo; identidade sexual; raça/cor; idade vítima; deficiência; situação de rua.

Gráfico 50



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

O gráfico acima (50) apresenta o total de denúncias recebidas pelo Disque 100 ao longo do ano de 2016. Neste período foram recebidas 51 denúncias relatando violência contra bissexuais. Os meses de março e julho apresentaram, respectivamente, 7 e 8 ocorrências, cada um deles.

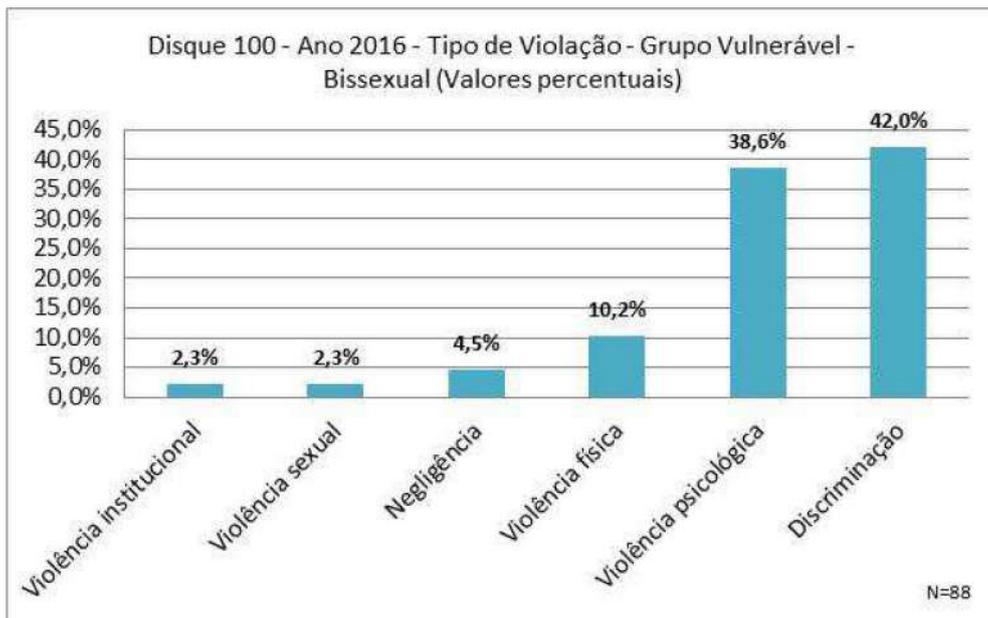
Quadro 05

Disque 100 -2016 - Comparativo 2015/2016, aumento do número de denúncias por UF			
UF	2015	2016	% de aumento
AC	0	0	-
AL	0	0	-
AM	0	1	-
AP	0	0	-
BA	2	1	-50,00%
CE	1	1	0,00%
DF	0	4	-
ES	0	1	-
GO	3	1	-66,67%
MA	0	6	-
MG	3	5	66,67%
MS	0	0	-
MT	0	0	-
PA	2	0	-100,00%
PB	0	2	-
PE	0	3	-
PI	1	1	0,00%
PR	2	1	-50,00%
RJ	2	10	400,00%
RN	0	1	-
RO	0	1	-
RR	0	0	-
RS	1	4	300,00%
SC	0	0	-
SE	0	1	-
SP	4	7	75,00%
TO	0	0	-
<b>TOTAL</b>	<b>21</b>	<b>51</b>	<b>142,86%</b>

Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

O quadro 05 apresenta o comparativo de ocorrências recebidas pelo Disque 100 entre os anos de 2015 e 2016. No ano de 2015 foram recebidas 21 ocorrências, ao passo que em 2016, ocorreu um aumento de 142,8%, elevando o total de ocorrência anual para 51 casos registrados.

Gráfico 51

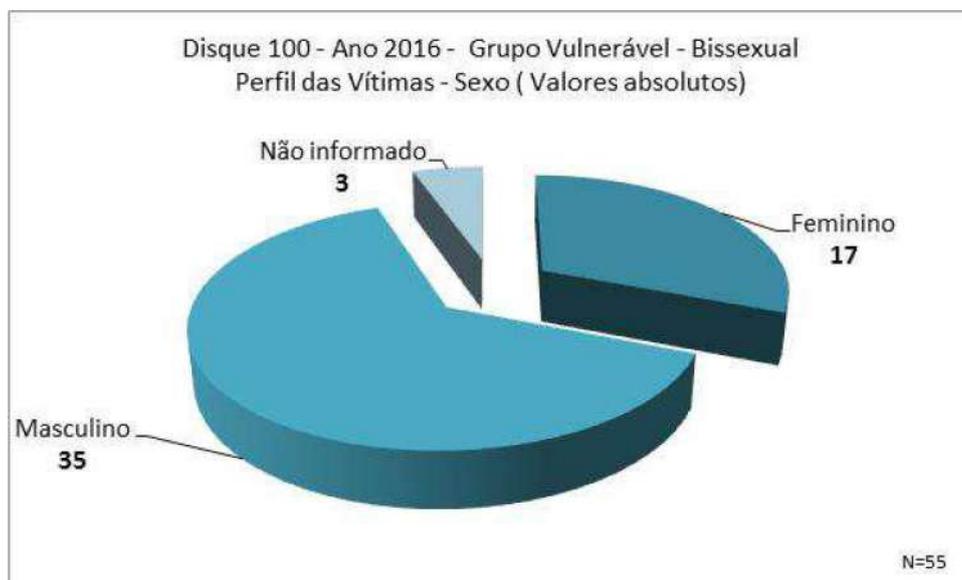


Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

O gráfico acima (51) indica o tipo de violação sofrida pela vítima. No total as 51 ocorrências registradas em 2016 apresentaram um total de 88 violações. Destas, 42% foram vítimas de discriminação, acompanhado de 38,6% violência psicológica e 10,2% violência física.

Os gráficos 52, 53, 54 e 55 trazem informações sobre o perfil das vítimas, estes dados trazem detalhes sobre o sexo das vítimas, faixa etária, cor/raça e se apresentam algum tipo de deficiência física.

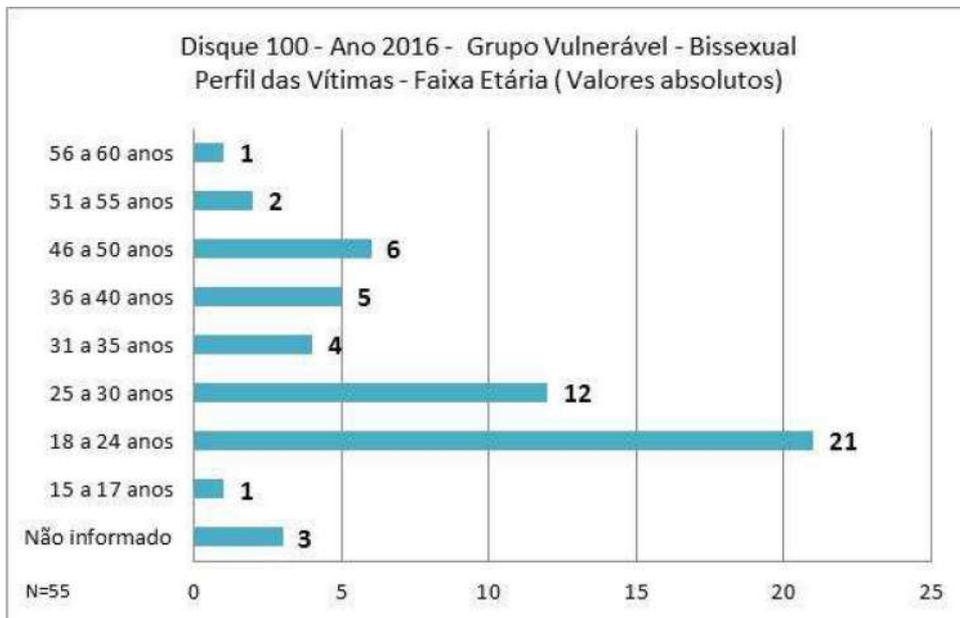
Gráfico 52



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

Do total de denúncias registradas em 2016, 55 casos trouxeram informações sobre o sexo da vítima. Das vítimas que foram classificadas como bissexuais, 35 foram identificadas como sendo do sexo masculino e 17 do sexo feminino.

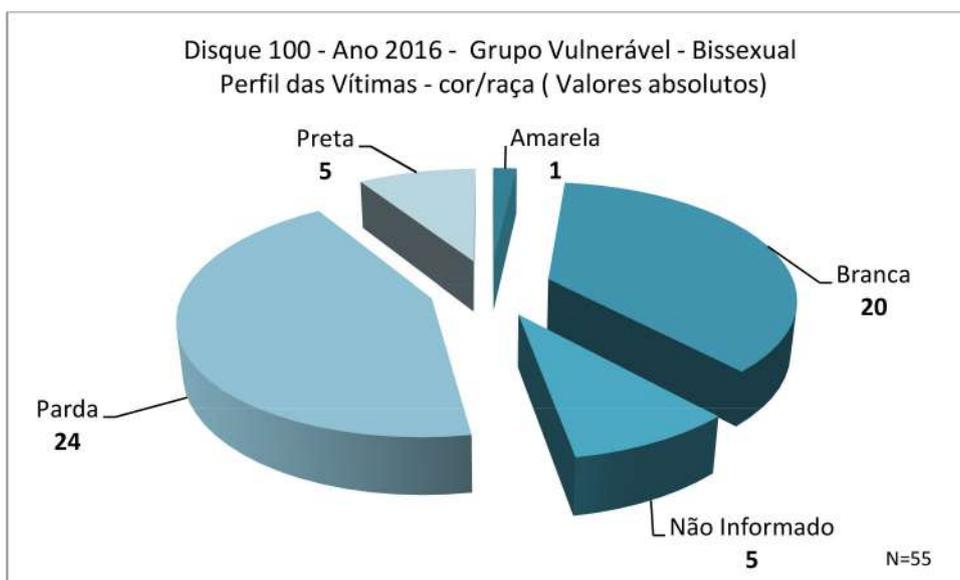
Gráfico 53



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

Em relação à faixa etária das vítimas, 55 casos trouxeram informações a este respeito. Do total de vítimas, 21 apresentam entre 18 a 24 anos, acompanhado de 12 entre 25 a 30 anos e 6 vítimas com faixas etárias entre 46 a 50 anos.

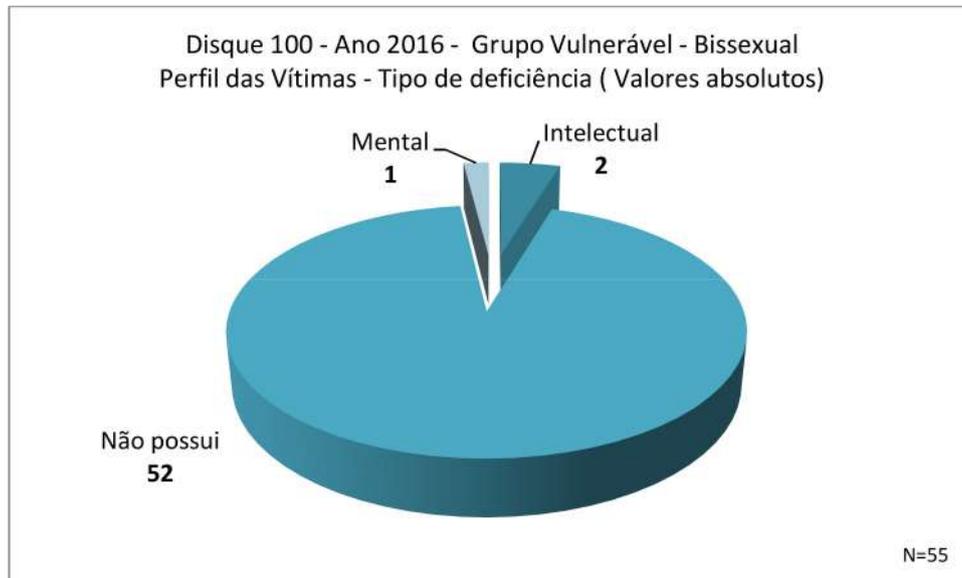
Gráfico 54



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

O gráfico acima apresenta informações em relação a cor/raça das vítimas. Do total de casos analisados, 24 destas são de cor/raça parda; 20 de cor/raça branca e 1 de cor/raça preta. Quando somados, o total de vítima de cor/raça parda e preta representam 25 casos.

Gráfico 55

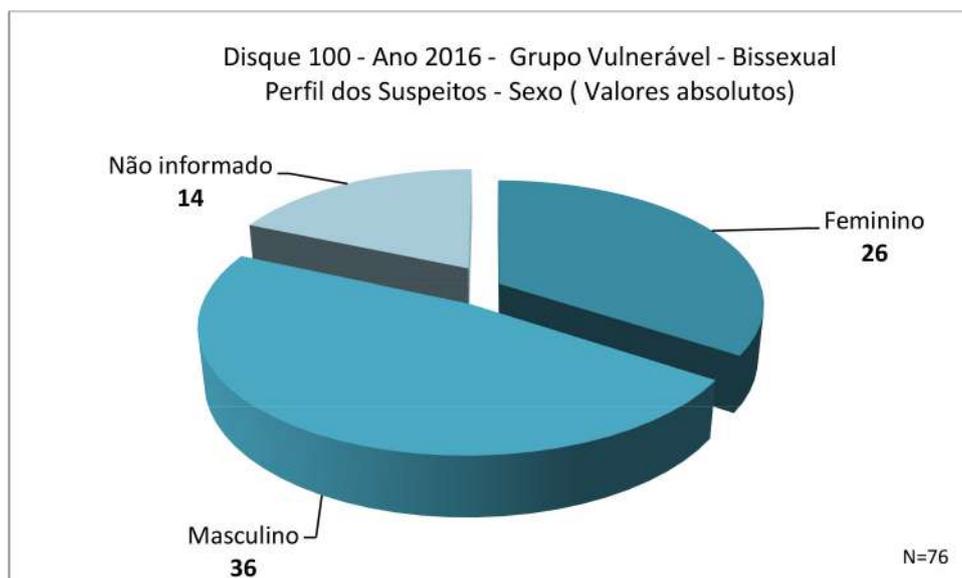


Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

O gráfico acima (55) traz informações relativas a possíveis deficiências que as vítimas possuem. Do total de casos informados, 52 não apresentam nenhum tipo de deficiência, seguido de 2 com deficiência intelectual e 1 deficiência mental.

Os gráficos 56, 57, 58 e 59 trazem informações relacionadas ao perfil do suspeito. A partir destes dados é possível analisar o sexo do suspeito, faixa etária, cor/raça e a possível relação entre o suspeito e a vítima.

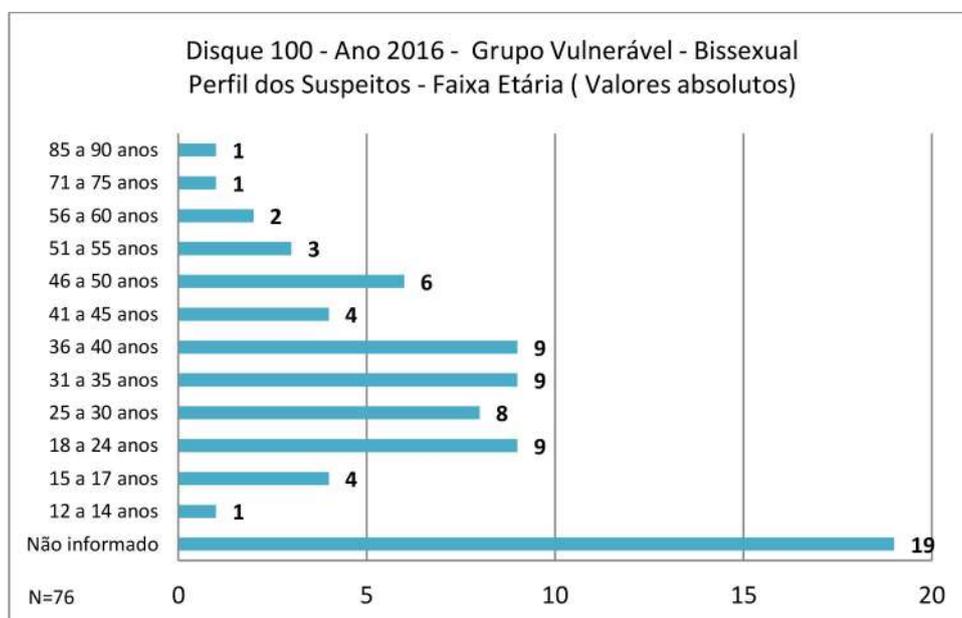
Gráfico 56



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

Do total de casos que trouxeram informações relacionadas ao sexo do suspeito, é possível inferir que 36 autores de bifobia foram homens, seguido de 26 mulheres e 14 casos não informados.

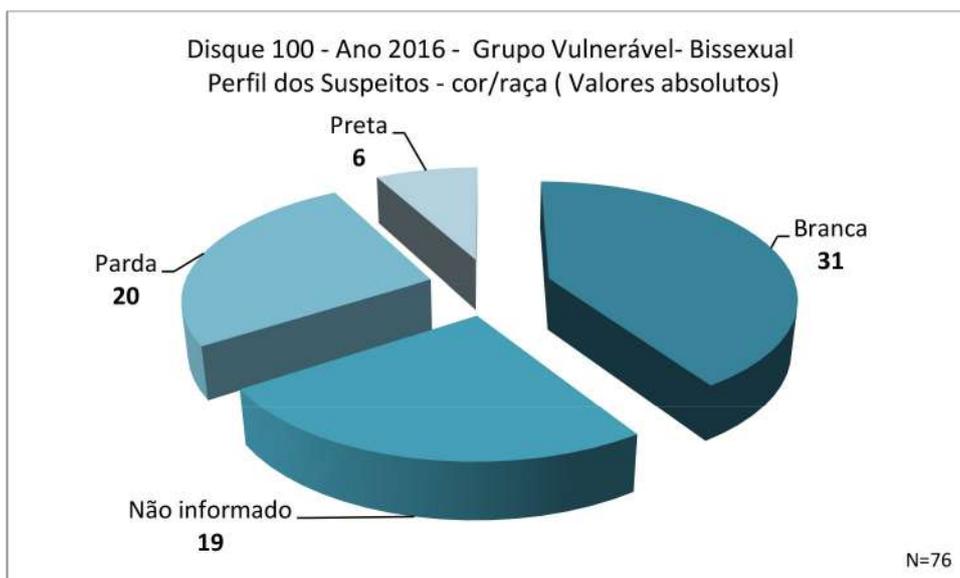
Gráfico 57



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

Em relação a faixa etária dos suspeitos, a maior parte não possui informação (19 casos). Dos casos que trazem esta comunicação, 9 apresentam suspeitos com idades entre: 18 a 24 anos, 31 a 35 anos e 36 a 40 anos, respectivamente.

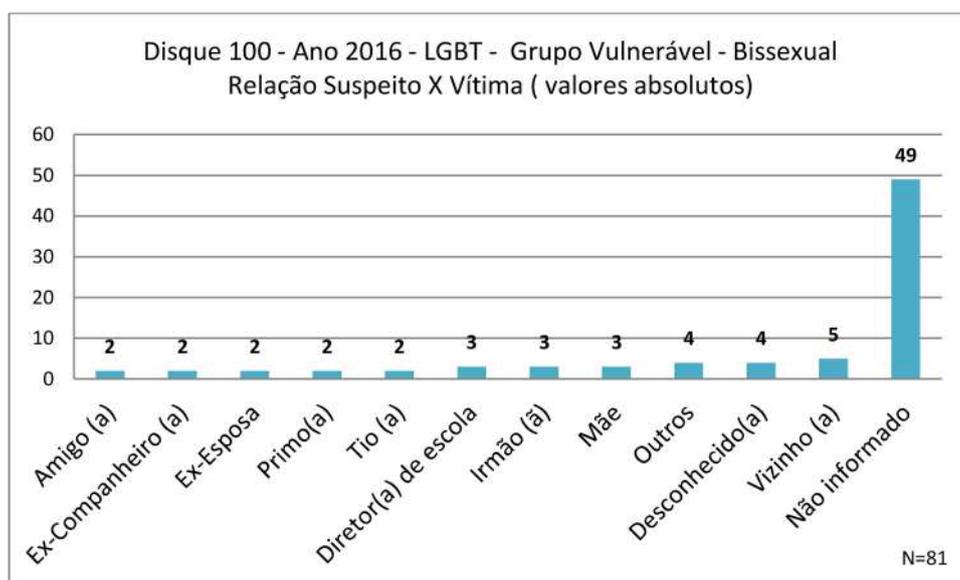
Gráfico 58



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

No que concerne à cor/raça dos suspeitos, 19 casos não apresentam esta informação. Dos casos que informam este dado, 31 destes indicam que os suspeitos são de cor/raça branca, seguido de 20 de cor/raça parda e 6 de cor/raça preta. Quando somados, o total de vítima de cor/raça parda e preta representam 26 casos analisados.

Gráfico 59

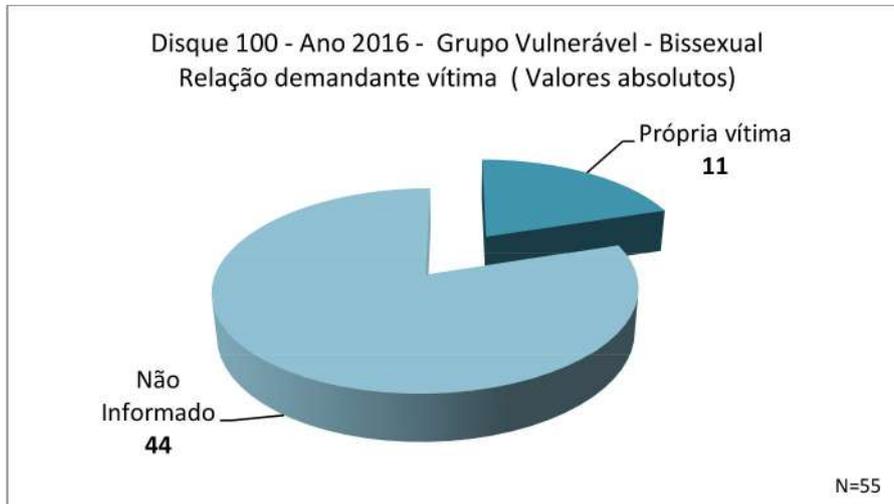


Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

No que diz respeito a relação entre o suspeito e a vítima, 49 casos não informam qual o tipo de relação existe, seguido de 5 casos como sendo vizinhos e 4 casos

sendo desconhecido. Os suspeitos que possuem algum tipo de relação familiar, como por exemplo: tio, mãe, primo, ex-companheiro (a) e irmão, somados, totalizam 14 casos.

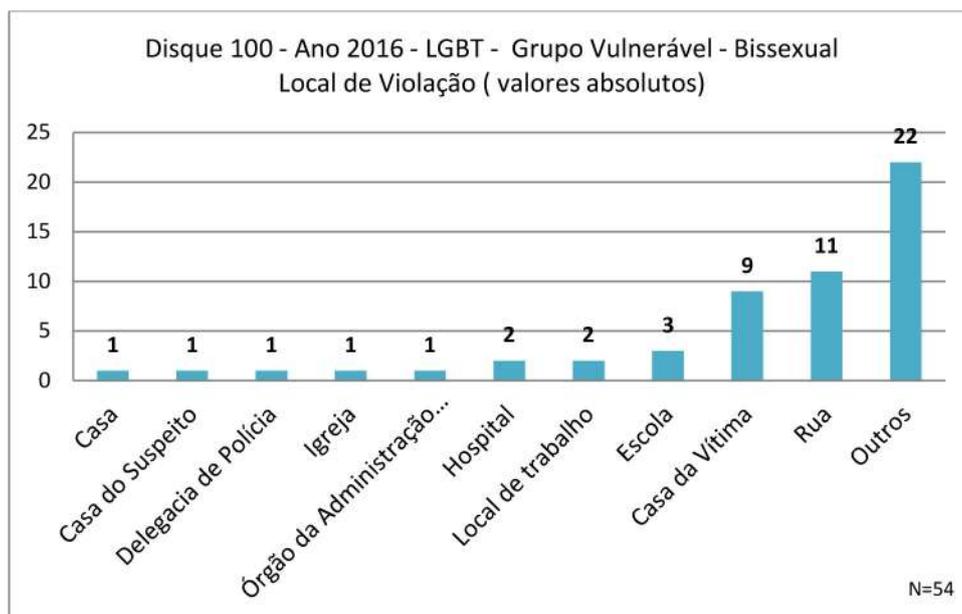
**Gráfico 60**



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

Quando analisamos o perfil daquele que demandou pelo serviço do Disque 100 e sua possível relação com a vítima, a maior parte dos casos não informa qual o tipo de relação existe (44 casos). Para os casos que informam a relação, 11 destes foram à própria vítima quem fez a denúncia.

**Gráfico 61**



Fonte: Disque 100/ Dados trabalhados pelo DLGBT-MDH

Em relação ao local da violação, 22 casos de bifobia ocorreram em locais diferentes daqueles especificados, acompanhado de 11 ocorrências na rua e 9 na casa da vítima.

Em linhas gerais os dados do Disque 100 nos permitem inferir que o perfil dos suspeitos que cometeram algum tipo de violação contra bissexuais no Brasil no ano de 2016 foram: homens, com idade variada entre 18 a 40 anos e de cor/raça branca. A maior parte das violações ocorreram na rua.

Já os (as) bissexuais vítimas, foram identificadas como sendo a maior parte do sexo masculino, com idade entre 18 a 24 anos, de cor/raça branca e sem apresentar nenhum tipo de deficiência física ou mental, em sua grande maioria.

## 10. DADOS HEMEREOGRAFICOS

---

O Grupo Gay da Bahia (GGB) é a mais antiga associação de defesa dos direitos humanos dos homossexuais no Brasil. Fundado em 1980, registrou-se como sociedade civil sem fins lucrativos em 1983, sendo declarado de utilidade pública municipal em 1987. Em 1988 foi nomeado membro da Comissão Nacional de Aids do Ministério da Saúde do Brasil e, desde 1995, faz parte do comitê da Comissão Internacional de Direitos Humanos de Gays e Lésbicas (IGLHRC). O GGB, como seus coordenadores o definem, é uma entidade guarda-chuva que oferece espaço para outras entidades da sociedade civil que trabalham em áreas similares, especialmente no combate à homofobia e prevenção do HIV e AIDS entre a comunidade e a população geral.

As estatísticas da violência LGBTfóbica no Brasil é contada a partir das notícias de jornais. Ainda na década de 1980, o Grupo Gay da Bahia iniciou a pesquisa de informações em diferentes jornais do país, a fim de se ter a dimensão do quantitativo de vítimas. Passaram-se décadas desde que este trabalho foi iniciado e hoje é desenvolvido também por outros atores da sociedade civil<sup>2</sup>.

A pesquisa que tem como fonte de dados jornais e mídias em geral, denomina-se metodologicamente de investigação hemerográfica. Para este relatório utilizaremos somente os dados do GGB, considerando que até este ano, esta era a única organização que possuía dados desta natureza. As informações produzidas a partir das notícias que são veiculadas na mídia nos dão dimensão do número de casos subnotificados, haja vista que os dados institucionais indicam um número menor de violações do que aqueles que se tem conhecimento.

Tendo como referencial o banco de dados confeccionado pelo Grupo Gay da Bahia, os dados referentes às violações de direitos humanos noticiadas nas mídias foram coletados a partir de pesquisa na internet, levando em consideração toda e qualquer violência acontecida entre 1º de janeiro e 31 de dezembro de 2016. Foram analisadas, portanto, notícias de jornais, redes sociais, revistas, blogs de notícias, televisão e rádio. Em 2016, foram divulgadas nos principais canais midiáticos brasileiros 343 violações LGBTfóbicas.

A democratização do acesso à internet e conseqüente aumento da produção de informação tem ampliado a visibilização dos crimes LGBTfóbicos. A divulgação das notícias não se resume apenas aos jornais impressos. Portais de notícias, sites, blogs e redes sociais expandiram o acesso aos relatos sobre violações de direitos

---

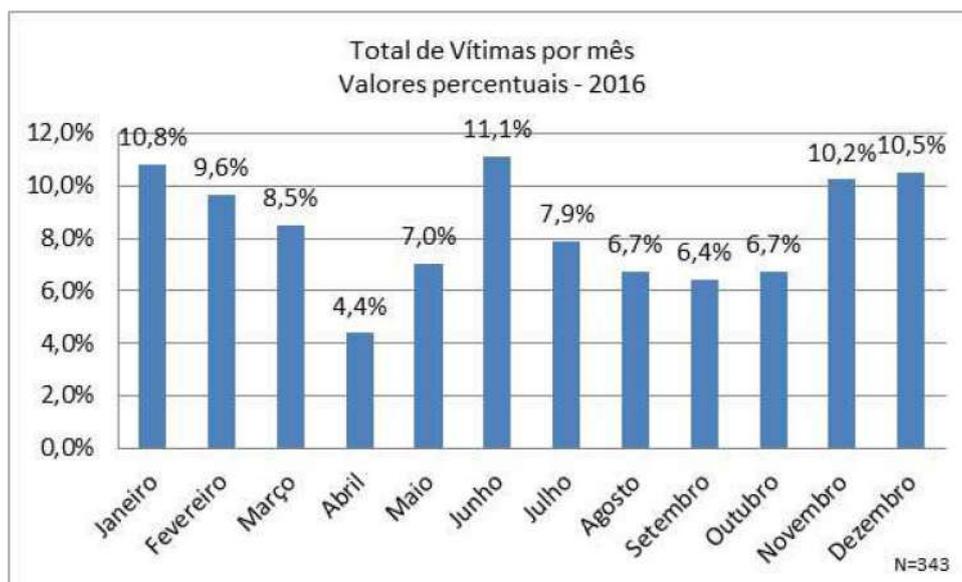
2 A partir de 2016 a Rede Trans inicia a coleta dos dados e produção de relatório estatístico.

da população LGBT. Ainda assim, o total de violências que viram notícia é bem menor do que o total de violações que ocorrem cotidianamente no Brasil.

A maioria das notícias analisadas trata de violências físicas, especialmente homicídios. Entre estes, os casos de maior repercussão permanecem na mídia e têm um acompanhamento mais detalhado. Percebe-se, ainda, que a maior parte dos casos é de pessoas de média e baixa renda, moradores das periferias das grandes e pequenas cidades brasileiras, mais vulneráveis à falta de segurança pública. Pouco é noticiado a respeito da violência de cunho LGBTfóbico nas classes de renda mais alta.

Os gráficos que seguem apresentam os principais dados coletados pelo GGB durante o ano de 2016. Desta maneira, são apresentadas informações sobre o perfil das vítimas, total de vítimas por mês, vítimas por região geográfica entre outras informações.

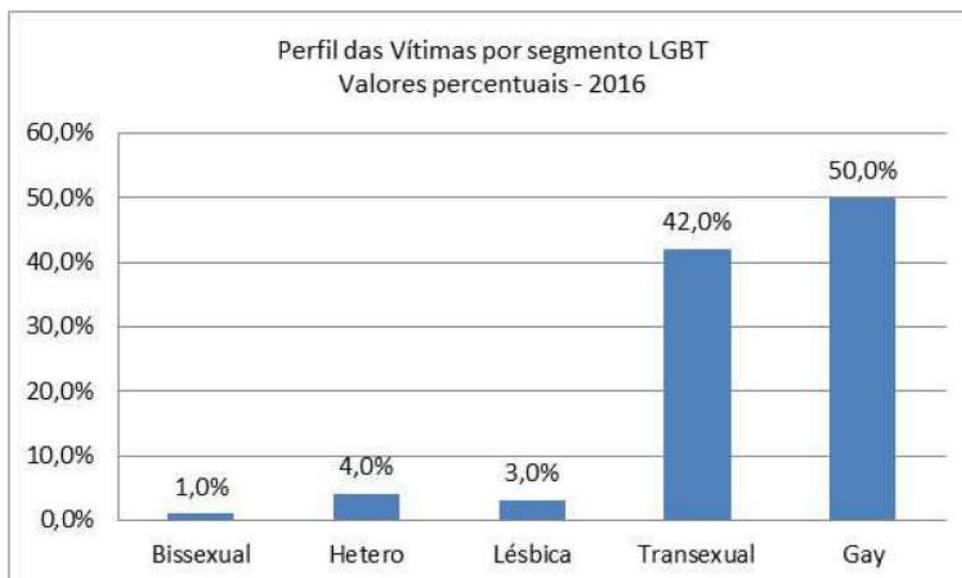
Gráfico 62



Fonte: Grupo Gay da Bahia

O gráfico 62 apresenta o total de vítimas LGBT por meses do ano de 2016. O mês de junho concentrou 11,1% dos casos, seguido de janeiro com 10,8% e dezembro com 10,5% dos casos analisados.

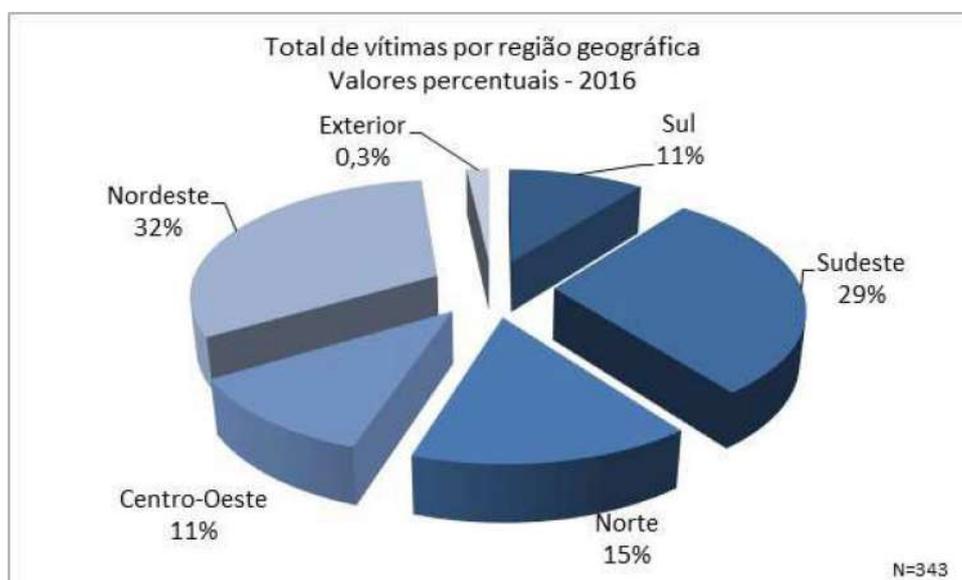
Gráfico 63



Fonte: Grupo Gay da Bahia

O gráfico acima (63) indica o perfil da vítima de acordo com cada segmento LGBT. Dos casos que foram analisados em 2016, é possível inferir que 50% das vítimas foram gays, seguidos de 42% transexual e 4% identificadas como heterossexual.

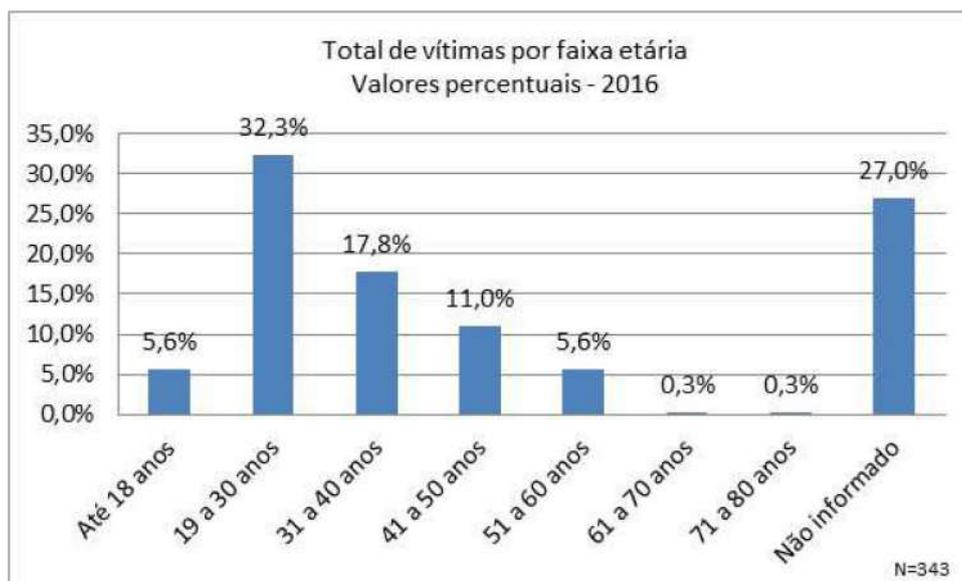
Gráfico 64



Fonte: Grupo Gay da Bahia

O gráfico 64 apresenta o total de vítimas por região geográfica, dos 343 casos identificados, 32% ocorreram na região Nordeste, seguido de 29% na região Sudeste e 15% na região Norte. Um caso (0,3%) registrado ocorreu no exterior do país.

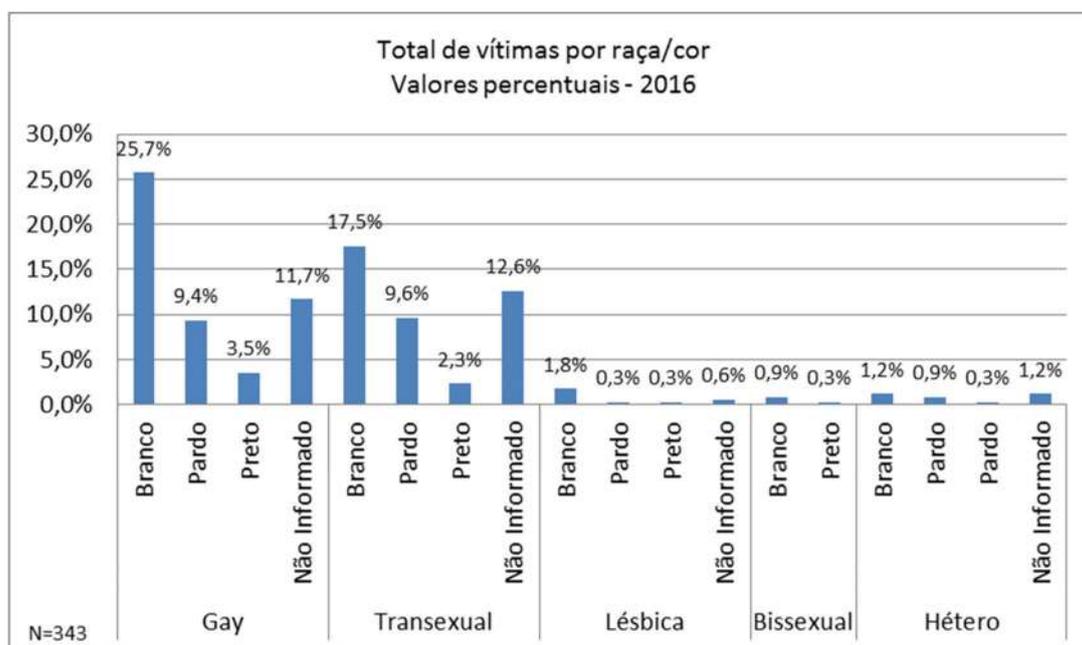
Gráfico 65



Fonte: Grupo Gay da Bahia

O gráfico acima (65) indica o total de vítimas por faixa etária. Dos casos que apresentaram tal informação 32,3% das vítimas possuem entre 19 a 30 anos de idade, seguido de 17,8% com 31 a 40 anos e 11% entre 41 a 50 anos. O total de casos que não apresentaram a idade foi de 27%.

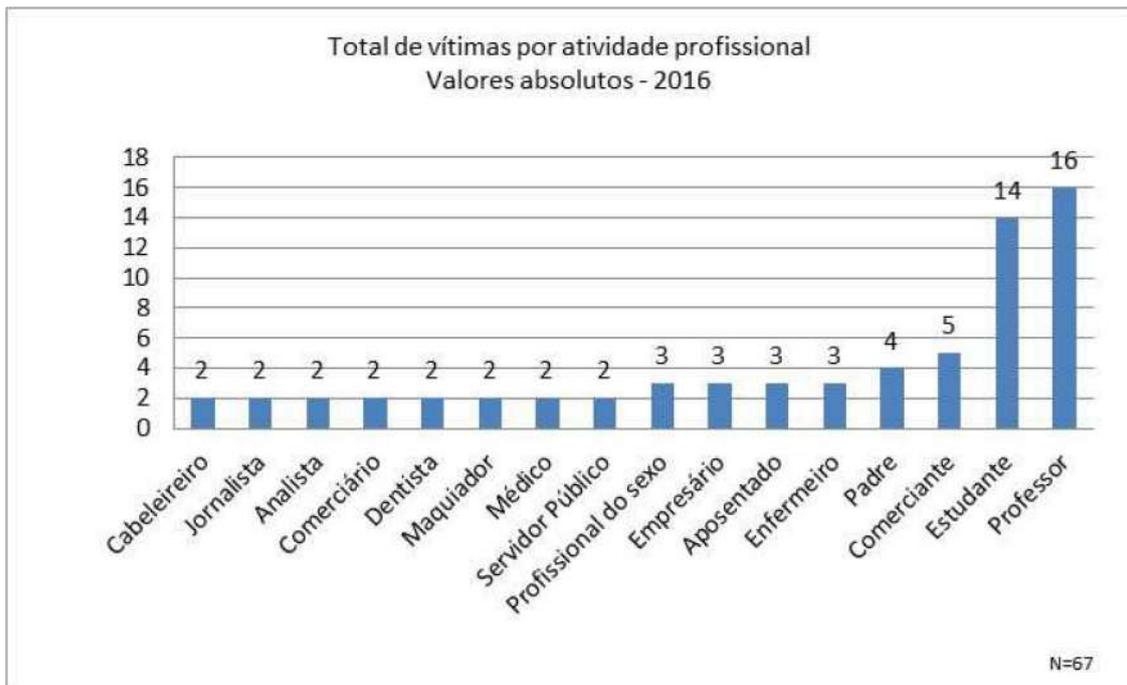
Gráfico 66



Fonte: Grupo Gay da Bahia

O gráfico 66 indica o total de vítimas por raça/cor de acordo com a identidade de gênero. A partir da análise do gráfico é possível inferir que 25,7% das vítimas foram gays de cor branca, seguido de 17,5% transexual de cor parda e 9,6% transexual de cor branca. Quando somadas, o total de vítimas de raça/cor parda e preta representam 26,9% do total de vítimas.

Gráfico 67



Fonte: Grupo Gay da Bahia

Em relação ao perfil profissional das vítimas, é possível inferir que a maior parte dos casos analisados tinham a atividade de professor como principal ocupação (16 casos), seguido de estudante (14 casos) e comerciante (5 casos)

Mapa 01 – Assassinatos de LGBT no Brasil - 2016



Fonte: Grupo Gay da Bahia

O mapa do Brasil exposto acima indica o total de ocorrência por Estado da federação. É importante salientar que não é possível dizer que um determinado Estado seja mais violento que o outro, mas sim o nível de repercussão que estes casos possuem na mídia local e/ou nacional.

Em linhas gerais os dados hemereográficos organizados pelo GGB apontam para uma crescente violência contra população LGBT. Em especial aqueles que vivem em Estados da região Nordeste e se percebem como gays e travestis, na faixa etária entre 19 a 30 anos de idade, são o público mais atingido. É importante destacar ainda, o perfil de ódio que estão por trás dos crimes LGBTfóbicos, o número de facadas ou a quantidade de tiros sobre a vítima demonstram se tratar de crimes direcionados e com objetivos específicos.

Com o passar dos anos novos grupos do movimento social passaram a se organizar em busca de produzir mais informações que pudessem subsidiar novas políticas públicas para área. Entre estes grupos, destaca-se a RedeTrans Brasil (Rede Nacional de Pessoal Trans), que percebendo a carência de dados mais específicos a população transexual, iniciou em 2016 um trabalho de coleta e análise de dados relacionados a esta parcela da população.

O dossiê chamado “A Geografia dos Corpos das Pessoas Trans” busca traçar um raio-x das travestis, transexuais e transgêneros no país. O relatório traz informações muito importantes sobre a transfobia e os altos índices de violência a que este grupo está sujeito.

Para realização do trabalho de coleta de dados a Rede Trans Brasil utiliza como fonte duas bases de dados: o Google Notícias e as páginas de plantões policiais. As palavras-chave utilizadas para a busca são:

- a. Travesti;
- b. Transexual;
- c. Morte;
- d. Assassinato;
- e. Agressão;

A equipe responsável pelo trabalho percebeu que ao buscar por substantivos, adjetivos e pronomes no gênero feminino, não se encontravam notícias, quando se buscava com a inclusão do artigo “o” este número era maior. Ou ainda quando se utilizava termos como “traveco” e “homem encontrado com vestimentas de mulher”. Desta maneira os dados que seguem aqui são alguns dos dados que podem ser encontrados no site da Rede Trans Brasil.

#### Quadro 06

##### Tipo de Violação - 2016

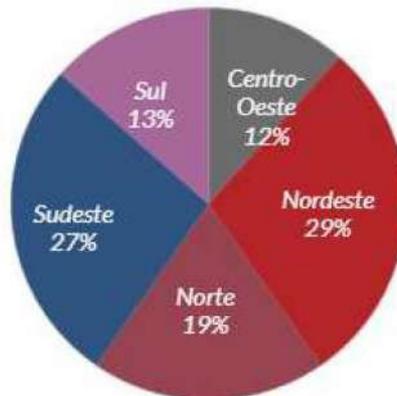
Tipo de violência/agressão	Números de casos
Agressão com arma branca	8
Agressão verbal	1
Agressão Física	15
Arrastamento por veículos	1
Cabelo cortado	1
Casa incendiada	1
Cyberbullying	1
Direitos negados na saúde	3
Discriminação em local público	3
Discriminação pela imprensa	1
Discriminação por familiares	1
Enforcamento	1
Espancamento	4
Estupro	1
Ferimento com garrafadas	1
Intolerância e discriminação	1
Pauladas	2
Proibição do uso de banheiro	3
Roubo	8
Tentativa de estupro	1

Fonte: NOGUEIRA, Sayonara N. B. 31/12/2016.  
<http://redetransbrasil.org/violacoedilatildeo-de-direitos-humanos.html>

O quadro acima indica o tipo de violação sofrida pela população transexual no Brasil. De acordo com os dados a agressão física aparece como a principal violação (15 casos observados), seguido de agressão com arma branca e roubo (com 8 casos, respectivamente).

Gráfico 68

Total de Vítimas por região geográfica - 2016

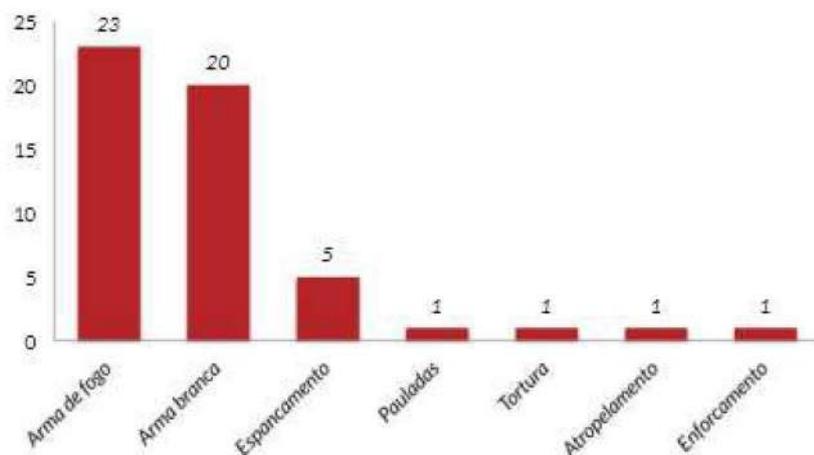


Fonte: NOGUEIRA, Sayonara N. B. 31/12/2016. <http://redetransbrasil.org/tentativas-de-homicidio.html>

Em relação a vitimização por região geográfica, podemos observar que o Nordeste concentrou a maior parte dos casos de violência contra a população transexual (29%), seguido da região Sudeste (27%) e da região Norte (19%)

Gráfico 69

Tipo de arma utilizada - 2016

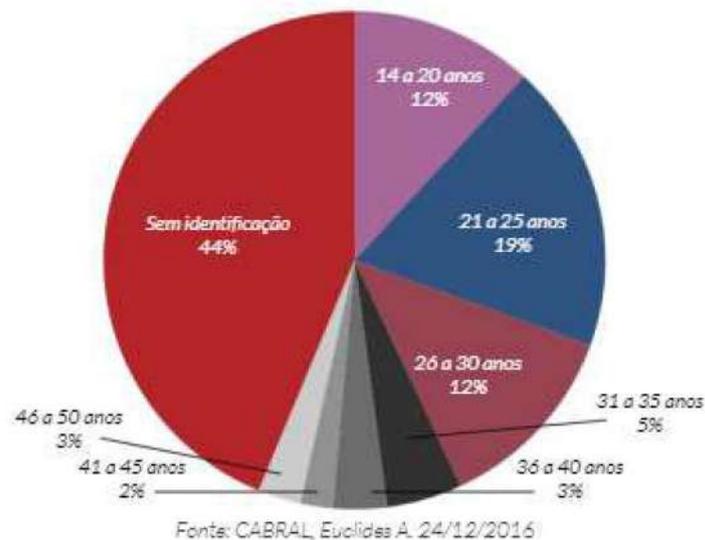


Fonte: NOGUEIRA, Sayonara N. B. 31/12/2016. <http://redetransbrasil.org/tentativas-de-homicidio.html>

O gráfico acima indica o tipo de arma branca utilizada para o crime. Em relação aos casos observados a arma de fogo é utilizada como principal meio de violação (23 casos), seguido de arma branca (20 casos) e espancamento (5 casos).

#### Gráfico 70

##### Faixa Etária das vítimas



Sobre a faixa etária das vítimas é possível inferir que a maior parte dos casos não possui identificação (44%). Para os casos que trazem algum tipo de informação o percentual de vítimas entre 21 a 25 anos foi de 19%, seguido de 12% com idades entre 26 a 30 anos e 12% apresentando entre 14 a 20 anos de idade.

#### Quadro 07

##### Causa da Morte - 2016

Causa de morte	Total
Afogamento	2
Arma branca	31
Arma de fogo	66
Asfixia	6
Atropelamento	3
Carbonização	5
Encontrada morta em estado de putrefação	1
Encontrada morta sem sinais de violência	1
Espancamento	6
Esquartejamento	1
Pauladas	9
Pedradas	4
Tortura	3
Sem identificação	4

Fonte: CABRAL, Euclides A. 24/12/2016

O quadro acima apresenta o tipo de causa morte da vítima. A arma de fogo (66 casos) aparece como o principal meio utilizado para o crime, em seguida temos a arma branca (31 casos) e depois a paulada (9 casos).

#### Quadro 08

##### Local do fato -2016

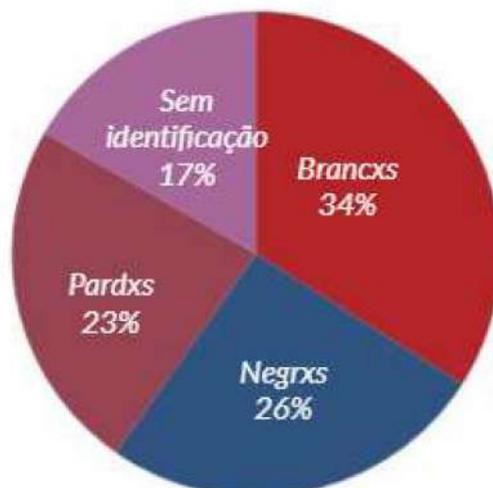
Local	Total
Via pública	74
Residência	29
Matagal	2
Área Rural	2
Bar	4
Cemitério	1
Estrada Vicinal	3
Fazenda	1
Feira	1
Festa	1
Hotel	1
Lago	1
Lixão	1
Obra	1
Oficina de carros	1
Posto de Gasolina	2
Praça	2
Presídio	1
Rio	1
Terreno Baldio	6
Viatura Policial	1
BR - Rodovia	4
Canavial	2

Fonte: CABRAL, Euclides A. 27/12/2016

Sobre o local de ocorrência do crime é possível inferir a partir dos dados analisados que a via pública aparece com o principal local de violação, com 74 casos, seguido da residência, com 29 casos e por fim bar e rodovia, com 4 casos observados respectivamente.

## Gráfico 71

### Cor das vítimas - 2016



Fonte: CABRAL, Euclides A. 27/12/2016

O gráfico acima apresenta a cor das transexuais vítimas de violência. Dos casos que trouxeram esta informação, é possível dizer que a maior parte deles é de brancos (34%), seguido de negros (26%) e pardos (23%). Somados o total de pardos e negros vitimizados representam 49% dos casos.

## Quadro 10

### Profissão da vítima - 2016

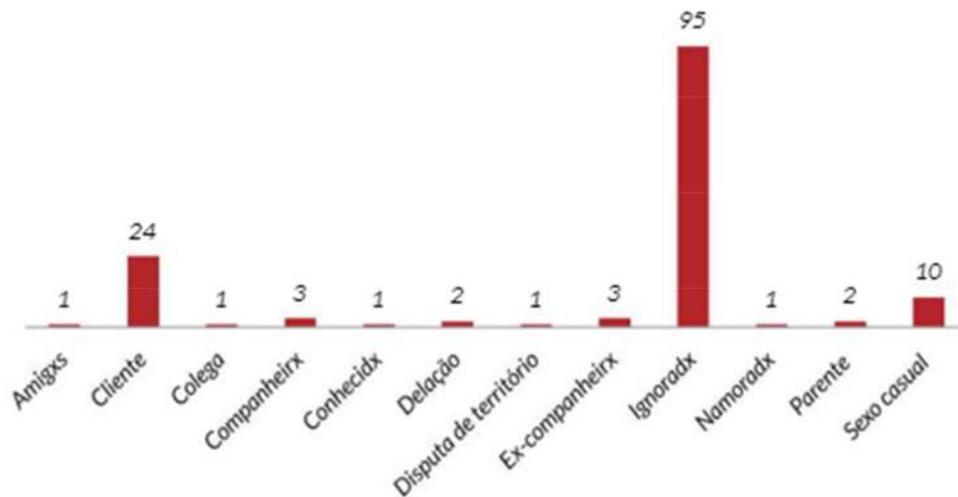
Profissão da vítima	Total
Auxiliar administrativo	19
Caseira	1
Comerciante	1
Cozinheira e vendedora	1
Cuidadora	1
Dançarina	2
Dançarina e estudante	1
Estudante	8
Modelo e estudante	1
Mototaxi	1
Organizadora Cultural	1
Profissional do Sexo	73
Vendedorx	1
Sem identificação	32

Fonte: CABRAL, Euclides A. 27/12/2016

O quadro acima apresenta o perfil profissional das vítimas de violência. A maioria dos casos observados referem-se a profissionais do sexo, 73 casos, em seguida temos auxiliar administrativo, 19 casos, e por fim estudante, com 8 casos. O total de casos que não apresentam esta informação foi de 32 casos.

## Gráfico 72

### Relação vítima-autor - 2016



Fonte: CABRAL, Euclides A. 27/12/2016

Por fim apresentamos a provável relação entre o autor e a vítima. Do total de casos observados, a maior parte não informa qual a relação há (95 casos), seguido de cliente (24 casos) e parceiros de sexo casual (10 casos). Quando somados, o total de casos que apresentam algum tipo de relação familiar aparecem como 9 casos analisados.

É interessante notar que os dados apresentados pela Rede Trans Brasil, trazem informações mais detalhadas sobre a população alvo do estudo. A parcela da população jovem, parda e preta são as principais vítimas de transfobia no Brasil. A rua aparece como principal local de violação, entretanto é importante salientar que este mesmo local muitas vezes é o principal destino de trabalho de muitas transexuais.

# 11. CONSIDERAÇÕES

---

Neste relatório destacou-se a predominância da violência contra as pessoas lésbicas, gays, bissexuais e transexuais, ou aquelas que se percebem como tal, sejam em sua vida pública ou privada. Foram descritas aqui múltiplas formas de violência que tem por objetivo reprimir e punir orientações sexuais e as identidades de gênero não normativas ou as pessoas cujos corpos diferem do padrão corporal feminino e masculino

O relatório também indica a disparidade desta violência e seu conflito específico e diferenciado em grupos ou setores da população que foram historicamente discriminados, como por exemplo, negros e mulheres. A causa desta violência está uma forte discriminação e intolerância sobre orientações sexuais, identidades de gênero, expressões de gênero diversas e pessoas cujos corpos desafiam o padrão corporal aceito socialmente.

Não estar em conformidade com a heteronormatividade é estar sujeito a sofrer diversas violações de direitos. A sociedade Brasileira está ancorada por princípios de heteronormatividade, cisnormatividade, e os binários de sexo e gênero. Aliado ao fracasso do Estado em adotar medidas efetivas para investigar e punir efetivamente os crimes de natureza LGBTfóbica.

O cenário generalizado de discriminação social e intolerância sobre a população LGBT, em consonância com a falta de políticas públicas efetivas, que busquem prevenir, investigar, julgar, punir e reparar os crimes cometidos contra pessoas LGBT, são fatores que levam a que se permita ou tolere esta violência, o que resulta em impunidade e repetição.

Conseguir assegurar a coleta e análise de dados estatísticos sobre crimes desta natureza, como o acesso à informação e estatísticas detalhadas compõe uma instrumento indispensável para medir a efetividade das ações para prevenir, punir e erradicar a violência contra as pessoas LGBT.

Deste modo o quinto relatório sobre violência LGBTfóbica no Brasil confirma as exposições que já haviam sido constatadas por meio dos relatórios anteriores. Os dados de 2016 apontam para um panorama de violência LGBTfóbica sistemática no Brasil. Neste ano foram registradas um total de 2.964 violações de direitos humanos de caráter LGBTfóbico.

Ao contrário do que ocorreu no ano anterior, em 2016, o total dos registros de denúncias recebidos pelo Disque Direitos Humanos (Disque 100) permaneceram relativamente próximos.

De acordo com os dados apresentados é possível concluir que a LGBTfobia no Brasil é estrutural, operando de forma a desqualificar as expressões de sexualidade divergentes do padrão heteronormativo, atingindo a população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em diferentes faixas etárias e nos mais diversos locais, desde a rua até o nível familiar.

Os dados apontam que a sociedade brasileira ainda é extremamente sexista, machista e misógina. A maioria dos agressores são do sexo masculino, o que atesta o quanto a masculinidade construída socialmente sente-se ameaçada por outras vivências da sexualidade, chegando ao limite extremo da violência física.

O que foge ao padrão da heteronormatividade é visto como patológico, criminoso ou ainda que necessita de medidas corretivas. Como podemos observar com os dados aqui apresentados estas medidas de “correção” ocorrem com o uso da violência, seja física ou através de atos discriminatórios. Apesar de ser vastamente difundida, a LGBTfobia pode ser mais sentida por jovens e por negros e pardos, o que corrobora diferentes estudos que apontam que essa população é a mais atingida por diversas formas de violência.

Neste sentido, essa parcela da população deve ser a prioridade de uma política que queira fazer frente a violência LGBTfóbica. Também cabe destacar que a população de travestis e transexuais merece especial atenção considerando o elevado índice de homicídios revelado pelo levantamento hemerográfico. Esse é um desafio a ser enfrentado pelo Poder Público e movimento social, pois essa violência não se reflete nos dados oficiais.

Quanto aos locais de ocorrência das violências destacamos a rua e a casa, espaços que surgem como locais onde as violências mais ocorrem. A rua merece uma reflexão pelo desafio que representa no que diz respeito à qualificação dos agentes policiais para o reconhecimento da violência LGBTfóbica e para o acolhimento das vítimas da violência, considerando que muitos Estados ainda não dispõem de delegacias especializadas para atendimento especializado a esta parcela da população. Quanto as violações ocorridas dentro de casa o desafio é ainda maior visto que a intervenção do Estado dentro do espaço doméstico é limitada e, neste sentido, é importante que o poder público amplie o empoderamento de mulheres e jovens para que se sintam seguros para denunciarem a violência ocorrida no espaço doméstico.

Por fim salientamos a importância de locais adequados para o recebimento das vítimas no momento de realização da denúncia. Há alguns Estados no Brasil que já oferecem delegacias especializadas para o atendimento do público LGBT.



## Referências Bibliográficas

---

ANDRADE, Vinícius Novais Gonçalves de. As falas dos atendentes do Disque 100 sobre a escuta das denúncias de abuso sexual contra crianças e adolescentes [manuscrito] / Vinícius Novais Gonçalves de Andrade – 2012. 177 f

BARROS, Myriam Lins de. (org.) Família e Gerações. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2006.

BARBOSA, Bruno Cesar. Nomes e diferenças: uma etnografia dos usos das categorias travesti e transexual. 2010. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade de São Paulo.

BORRILLO, D. (2009). A Homofobia. Em T. Lionço & D. Diniz (Orgs.) Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio (pp.15-46). Brasília: LetrasLivres.

BUTLER, Judith P. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith P. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARDIN, Valéria Silva Galdino e CAZELATTO, Caio Eduardo Costa. O Discurso de ódio homofóbico no Brasil: Um Instrumento Limitador da Sexualidade Humana. *Revista Jurídica Cesumar*, set/dez 2016, v.16, nº 3, p. 919-938.

CARSTEN, Janet. *Cultures of relatedness: new approaches to the study of kinship*. Cambridge, Cambridge University Press, 2000.

COLLIER, Jane; ROSALDO, Michelle Z. e YANAGISAKO, Silvia. Rethinking the family: some feminist questions. In: THORNE, Barrie e YALOM, Marilyn. (orgs.) *Rethinking the family: Some feminist questions*. Boston, Northeastern University Press, 1992.

COSTA, Rosely Gomes. *Concepção de filhos, concepções de pai: algumas reflexões sobre reprodução e gênero*. Doutorado em Ciências Sociais – área de gênero –, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/ Unicamp, 2001

EDGAR, Don. Globalization and Western bias in family sociology. In: SCOTT, Jackie, TREAS, Judith and RICHARDS, Martin. (orgs.) *The Blackwell Companion to the Sociology of Families*. Oxford, Blackwell, 2003

FRANÇA, I. L.. Espaço, Sexualidade e Poder: uma perspectiva feminista. *Boletina Anual #5 - Escuela de Estudios de Género/Universidad Nacional de Colombia*, v. 1, p. 157-160, 2016 FRANÇA, I. L.. 'Made in Brazil': homossexualidade, diferença e desigualdade num circuito global de mercado. *Maguare (Universidad Nacional de Colombia)*, v. 29, p. 143-173, 2015

FACCHINI, R.; FRANÇA, I. L.; BRAZ, C. A. Estudos sobre sexualidade, sociabilidade e mercado: olhares antropológicos contemporâneos. *Cadernos Pagu (UNICAMP. Impresso)*, v. 1, p. 99-140, 2014.

FONSECA, Claudia; TERTO, Veriano; ALVES, Caleb Farias. *Antropologia, diversidade e direitos humanos*. Porto Alere: Editora UFRGS, 2004.

FONSECA, Claudia. (2007). Apresentação - de família, reprodução e parentesco: algumas considerações. *Cadernos Pagu*, (29), 9-35

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GOFFMANN, Erving. *Estigma notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

HOWELL, Signe. Self-conscious kinship: Some contested values in Norwegian transnational adoption. In: FRANKLIN, Sarah e MCKINNON, Susan. (orgs.) *Relative values: Reconfiguring kinship studies*. Durham, Duke University Pres, 2001.

INTER-AMERICAN COMMISSION ON HUMAN RIGHTS. Violência contra pessoas lésbicas, gays, bissexuais, trans e intersexo nas Américas / Comissão Interamericana de Direitos Humanos. v. ; cm. (OAS. Documentos oficiais ; OEA/Ser.L) ISBN 978-0-8270-6594-9. 1. Gays--Violence against. 2. Lesbians--Violence against. 3. Transsexuals - Violence against. 4. Sexual minorities. I. Title. II. Series. OAS. Documentos oficiais; OEA/Ser.L. OEA/Ser.L/V/II. Doc. 36/15 Rev.1

JUNQUEIRA, Rogério. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. Bagoas: estudos gays – gêneros e sexualidades, vol. 1, nº 1, Natal-RN, jul-dez 2007, pp.145-65. Acesso em 23 de set. 2016.

LOURO, G. L. (1997). Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes.

KULICK, Don. Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

MALUF, Sônia Weider. Corporalidade e desejo: tudo sobre minha mãe e o gênero na margem. Revista Estudos Feministas, a. 1, p. 143-152, 2002.

MOTT, L.; CERQUEIRA, M. F. de. Os travestis da Bahia e aids: prostituição, silicone e drogas. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 1997.

MOTT, L. (2006). Homo-afetividade e direitos humanos. Revista Estudos Feministas, 14(2), 509-521. Recuperado de <http://www.scielo.br>.

OLIVEIRA, N. M. de. Damas de paus: o jogo aberto dos travestis no espelho de mulher. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1994.

PELÚCIO, Larissa Maués. Travestis: a (re)construção do feminino: gênero, corpo e sexualidade em um espaço ambíguo. Revista Antropológica, a. 8, v. 15, n. 1, p. 123-154, 2004.

PELÚCIO, Larissa Maués. Três casamentos e algumas reflexões: notas sobre conjugalidade envolvendo travestis que se prostituem. Florianópolis: Estudos Feministas, 2006.

PEIXOTO, Clarice e BOZON, Michel. Apresentação: Comportamentos familiares: resultados e perspectivas. Interseções: Revista de estudos interdisciplinares 3(2), 2001, pp.25-30.

PEIRANO, Marisa. A favor da etnografia. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

RODRIGUES, José Honório. "Acessibilidade do público aos documentos. Sigilo e reserva" In: ACERVO - Revista do Arquivo Nacional, v. 4, n. 2, jul-dez. 1989 -v.5, n.1, jan-jun. 1990, p. 7-12

SCHNEIDER, David. A critique of the study of kinship. Ann Arbor, University of Michigan Press, 1984)

SCHNEIDER, David. A critique of the study of kinship. Ann Arbor, University of Michigan Press, 1984)

SDH. Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil 2011. Brasília, 2011. Disponível em:<<http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-ano-2011>>.

SDH. Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil 2012. Brasília, 2012. Disponível em:<<http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-ano-2012>>.

SDH. Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil 2013. Brasília, 2013. Disponível em:<<http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-ano-2013>>.

THORNE, Barrie. Feminism and the family: two decades of thought. In: THORNE, B. e YALOM, M. (orgs.) Rethinking the family: Some feminist questions. Boston, Northeastern University Press, 1992.

VALE, Alexandre Fleming Câmara. O vôo da beleza: travestilidade e devir minoritário. 2005. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

WESTON, Kath. Families We Choose: Lesbians, Gays, Kinship. New York, Columbia University Press, 1992.